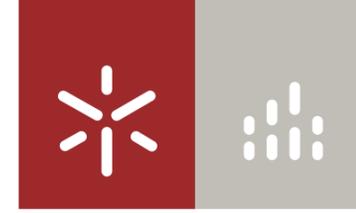


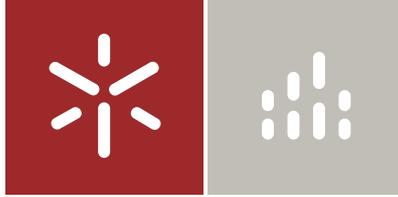


Sara Isabel da Silva Marques

O Interior do Quarteirão de Santo António
em Guimarães:
A afirmação de um espaço livre, acessível e
integrado no sistema de espaços públicos da
cidade

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Sara Isabel da Silva Marques

O Interior do Quarteirão de Santo António
em Guimarães:
A afirmação de um espaço livre, acessível e
integrado no sistema de espaços públicos da
cidade

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Ramo de Conhecimento: Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Ivo Oliveira

DECLARAÇÃO

Sara Isabel da Silva Marques

saraismarques@gmail.com

Cartão de Cidadão número: 13382667

O Interior do Quarteirão de Santo António em Guimarães:

A afirmação de um espaço livre, acessível e integrado no sistema de espaços públicos da cidade.

Orientador - Professor Doutor Ivo Oliveira

Ano de Conclusão – 2016

Ciclo de estudo integrados conducentes ao Grau de mestre de Arquitetura

Área de Especialização – Cidade e Território

Universidade do Minho

Escola de Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE TAL SE COMPROMETE

Universidade do Minho, ___ / ___ / _____

Assinatura: _____

*a todos que de alguma forma ajudaram a concluir esta fase,
Obrigada!*

O Interior do Quarteirão de Santo António em Guimarães:

A afirmação de um espaço livre, acessível e integrado no sistema de espaços públicos da cidade.

RESUMO

A investigação consiste no desenvolvimento de uma proposta de intervenção para o miolo do Quarteirão de Santo António em Guimarães. Trata-se de um quarteirão localizado no núcleo urbano mais consolidado da cidade, cujas principais características estão fortemente vinculadas às principais transformações urbanas da cidade. Nos últimos 30 anos, os edifícios, praças e ruas desta zona têm sido alvo de obras de requalificação porém os processos de abandono associados a edifícios no núcleo antigo da cidade, reflexo da evolução e modernização das cidades, ainda existem.

No século XIX, com a revolução industrial, a sociedade e o espaço urbano em Guimarães transformam-se a um ritmo acelerado, densificando-se o edificado e, progressivamente, ocupando-se o espaço livre existente no interior do Quarteirão de Santo António. Atualmente o interior do quarteirão é um espaço abandonado, esquecido e parcialmente percorível através de percursos pouco qualificados. O trabalho apresenta uma estratégia para afirmar e requalificar os atravessamentos existentes e encontrar novas funções para os espaços que constituem o interior do quarteirão (no caso, logradouros, garagens e centro comercial, que se encontram, atualmente, em mau estado e na sua maioria sem função). A presente proposta de intervenção visa potenciar as relações do interior do Quarteirão com a cidade, integrando-o num sistema de espaços públicos e contribuindo para afirmar o seu espaço interior e a cidade como um sistema urbano mais complexo e equilibrado. É desenvolvida uma estratégia que procura garantir o desejo de tornar público o interior do quarteirão e, simultaneamente, preservar as marcas do passado promovendo a coexistência entre espaço público, semipúblico e privado.

Palavras-chave: transformação, requalificação, quarteirão, Guimarães

*The interior of the Quarteirão de Santo António in Guimarães:
Statement of an open space, accessible and integrated in the city public space system.*

ABSTRACT

The goal of the present work is to develop and explore an intervention path for the inner block of “Quarteirão de Santo António”. It is a city block located in the consolidated urban core of the city, with characteristics strongly linked to the major urban transformations of the city. Over the last 30 years, buildings, squares and streets have been object of regeneration works, although the abandoning processes that occur to the buildings in the city's ancient cluster, as consequence of the city's evolution and modernization, are still present.

In the 19th century, with the Industrial Revolution, society and urban space in Guimarães suffer from rapid mutation, urban densification and, progressively, the vacant inner block spaces have been occupied. Currently the interior of the city block is an abandoned space, forgotten and partially accessible through less qualified paths. This work presents a strategy to regenerate and reaffirm the existing block crossings, find new purposes and functions for the inner block: common spaces, garages and a commercial gallery, presently deteriorating and in its vast majority functionless. The present strategy envisages to empower the relation of the inner block with the city, bringing it along to the as a more complex and balanced urban system. The developed strategy seeks to assure the coexistence of a wish to make public the inner block as well as preserving as a space that stands a testimony of its past and being able to have a compromise between public, semi public and private places altogether.

Keywords: transformation, requalification, block, Guimarães

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
---------------	---

ANÁLISE

2. Guimarães: Enquadramento Histórico	7
3. O Quarteirão de Santo António	11
3.1. Evolução e Integração na malha urbana	11
3.2. Permeabilidades e Atravessamentos	15
3.3. Edifícios: Ocupação e Programa	21
Habitação - importância histórica e número de habitantes	23
Comércio - ocupação comercial e movimento gerado	25
3.4. Espaço Interior do Quarteirão	33
constituição e funcionalidade	33
luz, materialidade e textura	35

AÇÃO

4. Referências e Estratégia	41
-----------------------------	----

TRANSFORMAÇÃO

5. A nova identidade do Quarteirão de Santo António	51
5.1 Permeabilidades e Atravessamentos	59
5.2 Espaço verde, Espaços de Estar/Lazer	71
5.3 O edifício do Centro Comercial Santo António	75
6. EPÍLOGO	83
7. BIBLIOGRAFIA	85
ÍNDICE DE FIGURAS	89
ANEXOS	93

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos, os Centros Históricos, inclusive o de Guimarães, têm sido alvo de obras de requalificação na expectativa de atribuir às ruas, praças e edifícios mais e melhores condições. Apesar disso, na generalidade dos antigos centros, o abandono dos residentes, a decadência de edifícios e espaços, o encerramento e abandono do comércio tradicional são problemas que persistem. Também a crescente atratividade de pólos urbanos periféricos, bem infraestruturados e muito articulados com novos espaços comerciais e de lazer contribui para a fragilização dos centros mais antigos.

Apesar da crise em que se encontram muitos dos antigos centros, aqueles que possuem elevado e reconhecido valor patrimonial estão a adquirir novo protagonismo. No caso da cidade de Guimarães, desde a classificação do Centro Histórico a Património Cultural da Humanidade, houve um grande aumento do turismo, as ruas perderam parte do comércio tradicional, para dar lugar a bares e restaurantes. Os espaços públicos e os edifícios são intervencionados, tornando a cidade mais funcional e limpa. Porém, esta realidade que se traduz na valorização dos espaços públicos nem sempre é acompanhada pela reabilitação dos espaços privados. É frequente a coexistência entre espaços públicos cuidados e espaços privados (interiores e exteriores) em avançado processo de degradação. É no interior dos quarteirões que a degradação e o abandono adquirem maior visibilidade.

O Quarteirão de Santo António possui problemas relacionados com o abandono e degradação de espaços habitacionais e comerciais (especificamente, o centro comercial Santo António), mobilidade e funcionalidade.

A proposta desenvolvida tem como principal objetivo a reabilitação e afirmação dos atravessamentos existentes no interior do Quarteirão de Santo António, pretendendo que se olhe para este como um todo, ou seja, com frente de rua e com interior. Tendo resultado de um trabalho de análise no qual se procurou identificar e caracterizar o edificado do ponto de vista formal e funcional bem como a forma como hoje se desenvolvem os atravessamentos existentes.

A proposta de intervenção 'reinventa' muitos dos elementos e estruturas hoje existentes no interior do Quarteirão. Pretende-se que as suas qualidades arquitetónicas e as

'memórias' que lhes estão associadas possam contribuir para enriquecer e equilibrar o espaço urbano de Guimarães, contribuindo para a melhoria das condições de mobilidade, condições de conforto e segurança e, para além de manter os habitantes existentes, pode contribuir para a fixação de novos programas e conseqüentemente atrair mais habitantes para o centro da cidade.

O principal objetivo, ao intervir no Quarteirão, é poder proporcionar uma melhor relação do mesmo com os espaços existentes no interior e exterior. Pretende-se corrigir as fragilidades que o quarteirão apresenta atualmente, analisando e determinando uma nova função para toda a área respeitante ao interior do Quarteirão e ao centro comercial Santo António, que deixa de ser um espaço privado no qual o atravessamento público era muito condicionado, passando a ser um espaço público fortemente articulado com um conjunto muito diverso de espaços privados.

Com a intervenção o Quarteirão adquire uma nova imagem, a de um espaço caracterizado por um conjunto de funções mais diverso e articulado com a restante cidade e com os restantes espaços privados. Transformando-se num espaço harmonioso pela forma como permite a coexistência equilibrada entre usos e utilizadores.

O presente trabalho é constituído por um relatório e a proposta de intervenção, organizado-se em três partes. A primeira parte é constituída por um conjunto de elementos de análise que fundamentam muitas das opções descritas na segunda parte. Ambas as partes funcionam como elementos fundamentais para a elaboração e estruturação da terceira e última parte, a proposta de intervenção.

Posto isto, a primeira parte é iniciada por uma breve contextualização da evolução urbana da cidade de Guimarães. De seguida, partindo de uma perspetiva geral e depois particularizando, é feita a identificação e análise do Quarteirão. Este foi alvo de uma análise mais aprofundada que passou pelo seu estudo desde o aparecimento do primeiro elemento que o constitui até à sua consolidação, transformando-o num Quarteirão.

Procedeu-se à análise morfológica e à integração do Quarteirão na cidade, focando o levantamento dos atravessamentos e permeabilidades existentes no interior do Quarteirão. Aqui, procedeu-se a uma análise dos diversos problemas e vantagens que influenciam a segurança, funcionalidade e bem-estar dos seus utilizadores recorrendo, num segundo

momento, ao mesmo tipo de análise, embora focado nas estruturas que constituem e se relacionam com o espaço interior do quarteirão. Uma opção que faz com que os edifícios habitacionais e comerciais, os seus habitantes, os seus usos e os espaços verdes se tornem mais relevantes na definição da identidade do Quarteirão.

A segunda parte trata-se da compilação de estratégias adotadas e de objetivos da intervenção, fundamentando-se na análise anterior e em projetos de referência e intervenções levadas a cabo em contextos similares. Não sendo Guimarães a única cidade com espaços que estagnaram e interiores de quarteirão esquecidos, este capítulo foi fundamental para uma melhor estruturação e consolidação das estratégias que o projeto deverá viabilizar e potenciar.

A terceira e última parte, corresponde à proposta de intervenção na qual é apresentada a nova identidade do Quarteirão de Santo António. São explicadas quais as soluções adotadas para uma proposta de intervenção que decorre do entendimento das principais estruturas construídas existentes no Quarteirão e, que incorpora e atribui novos significados a essas estruturas, quer se trate de um antigo centro comercial ou da antiga estrutura de um espaço industrial.

ANÁLISE

“A cidade cresceu e surpreendeu-nos. O ambiente urbano, que aprendemos a ver essencialmente como uma forma, um agregado de edifícios e outros espaços construídos, determinado pela história e pelo desenho, como coisa estável, compacta e permanente, é agora outra coisa: é um organismo ampliado, parte de uma rede, um sistema global de centralidades em permanente competição, atracção de fluxos e mobilidade, informação, capitais, um palco do consumo e do espetáculo efémero, feito de bits de informação, mas de muita incerteza e imponderabilidade. “

BRANDÃO, 2001:22

2. Guimarães: Enquadramento Histórico

As cidades evoluem, passam por diferentes dinâmicas, os conceitos de habitação, de espaço exterior público ou privado vão-se alterando, consequência das transformações sociais, económicas e industriais. Como resposta às novas necessidades da sociedade, o tecido urbano vai-se moldando e transformando ao longo dos séculos. Estas transformações foram descritas, de uma forma simples e sintetizada, por Álvaro Domingues em o *Ciclo de Vida das Cidades*¹.

“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade; e existem muitos tempos na forma da cidade.”

(ROSSI apud MESQUITA, 2007:70)

No território em estudo, a tipologia do quarteirão atinge, na época Barroca, uma maior complexidade e alcança um papel mais claro na forma urbana (CABRAL, 2004:15). O seu espaço resulta do traçado dos grandes eixos viários que passaram a unir pontos importantes da cidade adquirindo formas irregulares. A sua constituição mantém-se semelhante à da época medieval, na qual existe o edifício construído à margem da rua e um espaço de logradouro voltado para um espaço interior (espaço esse que viria a ser o interior do quarteirão).

O século XIX, marcado pela revolução industrial, é o século das grandes e rápidas transformações, marcando ainda o início/origem da modernidade. A par da industrialização dá-se um aumento demográfico, como uma vontade de regresso aos centros urbanos, resultando num desequilíbrio entre oferta e procura de habitação. Com a necessidade de novas construções, os tecidos urbanos atingem estados de saturação. Os logradouros das cidades tradicionais, outrora usados para cultivo, jardins privados ou espaços de trabalho, transformam-se em espaços residuais, ou seja, solo disponível para construção.

¹ *“A fase da urbanização – caracteriza-se por uma forte concentração da população e das actividades económicas no centro da cidade*

A fase da suburbanização – caracteriza-se por um processo de desconcentração da população e do emprego das áreas centrais para a cintura metropolitana

A fase da des-urbanização – caracteriza-se por uma perda da população e do emprego no conjunto da aglomeração urbana

A re-urbanização – caracteriza-se por uma retoma do centro, acompanhada de processos de requalificação urbana de centros históricos e áreas peri-centrais.” (DOMINGUES, 1994:11)

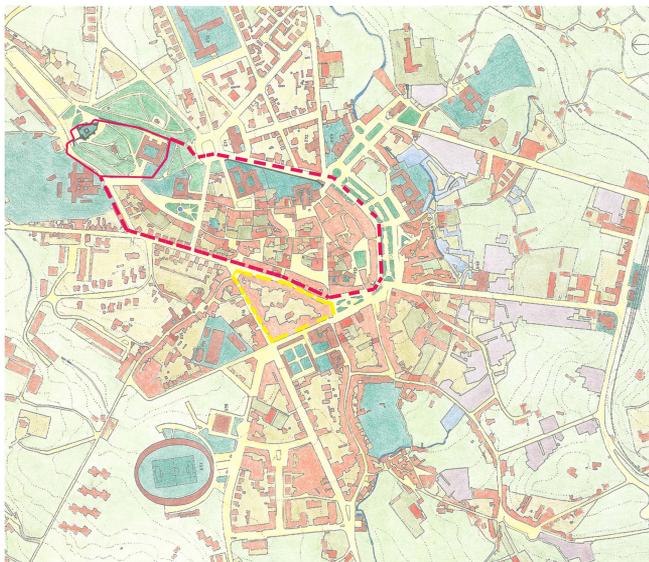


Figura 1 - Mapa do século XX (Fonte: CMG e GTL, 1998)

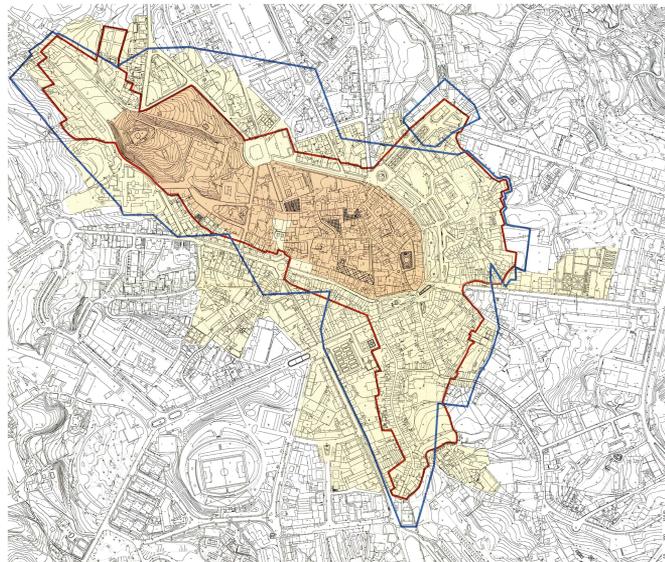


Figura 2 - Limite do centro histórico e limite das áreas de preservação/ intervenção (Fonte: CMG e GTL, 1998)

Após a construção do Mosteiro de Santa Maria, pela Condessa de Mumadona Dias, no século X, é construída a primeira cintura de muralhas. A segunda cintura de muralhas, surge no século XIII/XIV, a mando de D. João I, com uma dimensão mais imponente e composta por diversas portas e torres que permitiam a continuidade para o interior da cidade, mais filtrada, de forma a garantir à população maior proteção. Ambas são erguidas segundo a estrutura viária existente.

Guimarães é elevada a cidade em 1853 e o seu núcleo urbano, o centro histórico, é reconhecido pela UNESCO, em 2001, como Património Cultural da Humanidade.



1



2



4



3

LEGENDA:

- - Limite da primeira cintura de muralhas: século X
 - - Limite da segunda cintura de muralhas: século XIII/XIV
 - - Id. do Quarteirão
 - - Área de Intervenção do GTL
 - - Área de Intervenção do IPPAR
 - - Id. do limite do Centro.Histórico.
 - - Id. do limite da Área 'Tampão'.
- 1 - Largo Nossa Senhora da Oliveira
 - 2 - Estátua de D. Afonso Henriques e Paço dos Duques de Bragança
 - 3 - Largo do Toural e Alameda de S. Damaso
 - 4 - Rua D. Maria

Fonte:

- (1) http://www.escapadinhas.org/img/Escapadinha_66.jpg
- (2) http://www.hotel-guimaraes.com/imgs/galeria/D_afonso_henriques_e_paco_duques_5738.png
- (3) <http://guimaraesdigital.com/imgs/bgs/toural.jpg>
- (4) http://2.bp.blogspot.com/-GojbvuJKss4/T5xb6f5zajI/AAAAAAD8A/POIhc7N-GY/s1600/Calle_de_Santa_Mar%C3%ADa_Guimaraes.jpg

Figura 3 - Fotografias de alguns dos locais com maior relevância na cidade de Guimarães.

Com a viragem do século, as tipologias das casas alteram-se, aumentando não só em altura mas também em profundidade e o Quarteirão adquire uma imagem mais densificada, com a ocupação dos logradouros por construções secundárias, pequenos percursos de acesso, etc., colocando mais tarde em causa questões de higiene e salubridade.

Na segunda metade do século XX, motivado pelo aumento demográfico, desenham-se planos de reorganização urbana² para o exterior da zona murallhada, de forma a que possa acolher novas construções, evitando a saturação da malha urbana e grandes alterações nas construções do centro histórico. A cidade expande-se para as periferias e adquire novos limites urbanos. Desta forma, o núcleo histórico mantém-se do ponto de vista morfológico quase que inalterado³ e é sobre essa base que se inicia a reabilitação urbana do centro histórico⁴.

“A noção de monumento histórico compreende não só a criação arquitectónica isolada, como também o ambiente urbano ou paisagem que constitua o testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Esta noção aplica-se não só às grandes obras como também às obras modestas que, com o tempo, adquiriram um significado cultural”

(Carta de Veneza apud CARNEIRO, 2004:9)

Em Guimarães, entre os séculos XIX e XX, passam assim a existir duas vontades, duas formas de atuação: a primeira pretende uma cidade maior, mais ampla, na qual as condições de higiene e salubridade sejam resolvidas; a segunda defende a conservação dos monumentos e das heranças do passado⁵. Obedecendo às duas, foram evitadas grandes

² Elaborado por Luis Pina em 1925, o plano de alargamento e expansão da cidade vem dividir a cidade em zona nova e velha, com uma malha mais regular e organizada (ver anexo VII). (QUEIRÓS, 2000:38)

³ A preocupação em conservar o centro histórico, como um todo, consolida-se durante o Estado Novo (1930), altura em que os limites da cidade já se tinham expandido e a pressão do crescimento demográfico já havia diminuído. (QUEIRÓS, 2000:562) Paralelamente estava presente a preocupação em tornar a cidade mais limpa. Restauram-se muitos edifícios mas demoliram-se muitos outros, como a demolição de vários edifícios da Vila Alta para dar lugar ao Parque do Castelo. (QUEIRÓS, 2000:37 e 41)

⁴ Em 1979, por Fernando Távora, surge o Plano Geral de Urbanização da Cidade no qual propõe para o centro histórico de Guimarães “uma visão qualificadora que não se restrinja apenas a monumentos ou conjuntos urbanos, mas antes se alargue, no espaço e no tempo bem como no próprio significado seu conceito, a toda a área urbanizada, sugerindo também a preservação de outros valores que não edifícios e preconizando que essa área fosse considerada como valor cultural” (FERRÃO apud AGUIAR, 1998:2)

⁵ “Guimarães conseguiu integrar princípios da ética da conservação, como o princípio da intervenção mínima inculcado na Carta de Veneza, o conceito de reabilitação integrada, proveniente dos encontros de Amsterdão, o entendimento de um planeamento dirigido para a conservação tal como esta transcrito da Carta de Toledo, ou o respeito pelas preocupações com o problema da autenticidade material e do património intangível, traduzidas pela declaração de Nara – em permanente questionamento e sobressalto, como a vida, Guimarães, tanto ao nível do método como dos resultados, tornou-se um dos mais importantes modelos referenciais em termos de conservação do património urbano (e não só para o nosso país).” (AGUIAR, 1998:18)

demolições. Todas as propostas de intervenção eram, para além de controladas e discutidas, condicionadas por questões económicas e sociais (QUEIRÓS, 2000:29). Outra ferramenta extremamente importante para a conservação do centro Histórico, foi a criação (em 1985) e atuação do grupo do Gabinete Técnico Local (GTL) afecto à Câmara Municipal de Guimarães.

3. O Quarteirão de Santo António

3.1. Evolução e Integração na malha urbana

A Oeste do centro histórico de Guimarães, fora do limite das muralhas, tangente pelo exterior e confinado pela rua de Santo António, rua Gil Vicente, rua Paio Galvão e largo do Toural, existe um espaço compreendido numa área com cerca de 22 200 m², dos quais cerca de 11 000 m² são construídos e dedicados à habitação e ao comércio.

Designado por Quarteirão de Santo António, trata-se de um espaço inserido na área designada por “zona tampão” (responsável pela articulação entre a cidade antiga e as zonas mais recentes). É um espaço que, por um lado, traduz uma fase de crescimento da cidade para o exterior do recinto muralhado e, por outro lado, pode ser visto como um remate de uma sucessão de espaços públicos (largo do Toural e alameda de S. Dâmaso) que acompanham o perímetro do casco histórico (figura 4).

A formação do Quarteirão de Santo António inicia-se com o traçado viário existente (figura 5.A). O desenho do Quarteirão⁶ obedece a uma lógica de desenvolvimento barroca, construindo-se e transformando-se ao longo dos séculos, pela adição de edifícios apoiados nas ruas existentes. Trata-se de uma lógica de consolidação do perímetro, deixando livre um espaço de logradouro no seu interior.

Voltada para o largo do Toural, a primeira fachada do Quarteirão foi construída entre os séculos XIII – XV⁷ (figura 5.B). Nesta altura surgiu também, do lado oposto, a fachada que serve de ligação entre a rua Gil Vicente e a rua de Santo António e o edifício que faz o arranque da rua de Santo António (século X) na cota superior. De seguida, foram construídos os edifícios (séculos XV a XVIII - figura 5.C) ao longo da rua de Santo António. Nesta fase, o sistema viário, com o rasgamento da rua Paio Galvão (antiga rua de Traz do Mosteiro) e da rua

⁶ Definição de quarteirão: No traçado urbano de uma cidade, a porção do solo, com ou sem edificações, geralmente quadrada ou retangular, contornada por vias públicas ou logradouros.

Dicionário da construção civil - E-Civil

Consultado a 22-04-2016 - <http://www.ecivilnet.com/dicionario/o-que-e-quarteirao.html>

⁷ A que vemos atualmente já não é a original pois, essa foi destruída pelo incêndio decorrido em 1869, foi ponderada uma expansão do largo do Toural para o interior do quarteirão porém, esta proposta não foi em frente e, surge assim, a fachada que existe atualmente. (BORGES, 2012:17)



Figura 4 - Fotografia aérea de Guimarães com a localização do Quarteirão de Santo António (a amarelo)



Figura 5 - Evolução do Quarteirão de Santo António

Gil Vicente, molda todos os limites físicos do Quarteirão assim como o conhecemos hoje (figura 6).

A consolidação de todas as frentes que definem este espaço é atingida no século XX (figura 5.D), com a construção dos últimos edifícios na rua Gil Vicente.

O núcleo do quarteirão representa os restantes 11 200 m², sendo ocupado por logradouros e construções secundárias que começam a aparecer no século XX tal como revela a cartografia (figura 5).



1864



1955

Largo do Toural



Rua Santo António



Rua Gil Vicente



Rua Paio Galvão



Vista do antigo mercado municipal e da Rua Paio Galvão - Século XX



1900 -1920



2016

Figura 6 - Fotografias que demonstram a transformação das Ruas no último século.
(Fonte: <https://sites.google.com/site/portefoliodfilipe/guimaraes-cidade-bela>)

3.2. Permeabilidades e Atravessamentos

Ao observar o Quarteirão de Santo António, percebe-se que a localização e dimensão conferem-lhe algum destaque face à cidade. Desta forma, sobressaem todos os pormenores e o tornam-no mais interessante.

A observação do sistema viário existente, fluxo e continuidades, realça a oclusão do interior do quarteirão face à envolvente, ou seja, aparenta existir uma forte divisão entre o que é espaço interior e privado e o que é exterior e público. Porém, o Quarteirão de Santo António não é tão impermeável quanto aparenta já que existem quatro momentos que permitem rasgar esta barreira (figura 8). Destas permeabilidades resultam dois atravessamentos que articulam as ruas que o delimitam (figuras 7, 9 e 10). Os percursos são maioritariamente privados uma vez que, apesar da permeabilidade ser gerada através de ruas públicas, o seu atravessamento é feito através de espaços privados. No caso do atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Santo António a permeabilidade acontece com recurso ao centro comercial Santo António e é unicamente pedonal; no caso do atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Paio Galvão faz-se através de parques de estacionamento privados mas de acesso e uso públicos.

Apesar das fronteiras entre espaço público e privado serem pouco claras e apesar das fragilidades ambientais e funcionais que revelam, são muitos os cidadãos que recorrem a estes percursos nos movimentos quotidianos. No entanto, os movimentos pedonais são condicionados pelo carácter privado do solo, estando dependentes dos horários de abertura das garagens e do centro comercial, bem como das estratégias de manutenção e controlo tomadas pelos proprietários.



Rua Gil Vicente

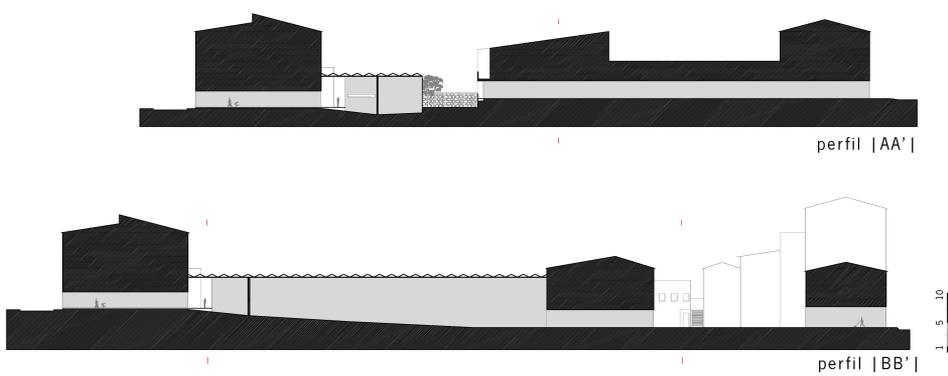
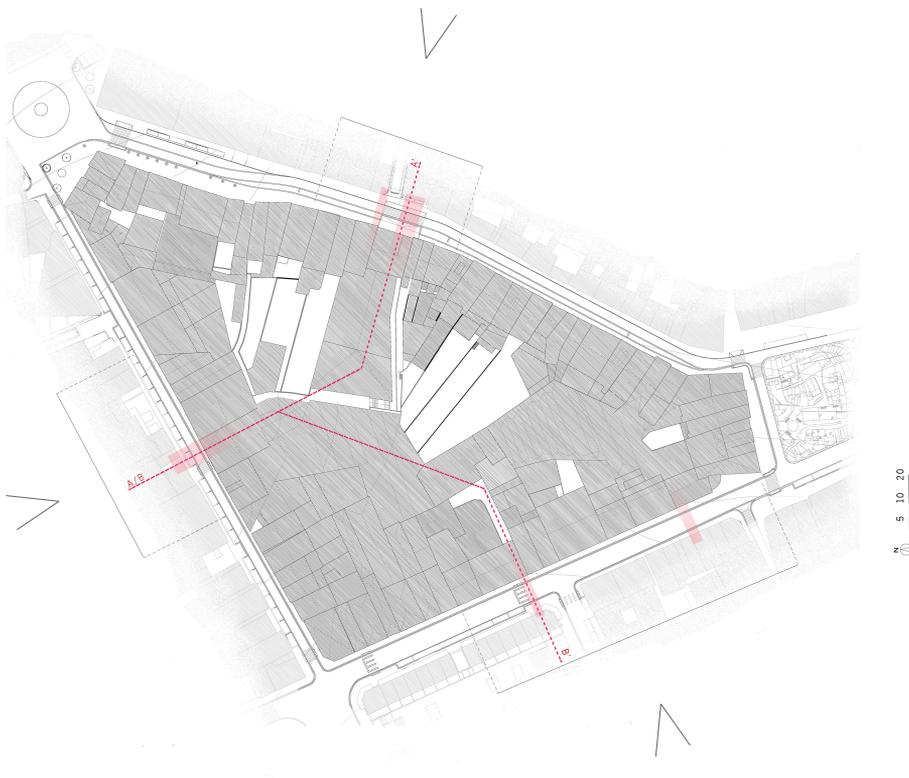


Figura 7 - Estudo dos atuais atravessamentos - perfis



Rua Santo António



Rua Paio Galvão

Figura 8 - Alçados com a identificação dos acessos ao interior do Quarteirão. Consta-se que a composição dos alçados não enfatiza os pontos de contacto do interior do Quarteirão com a cidade

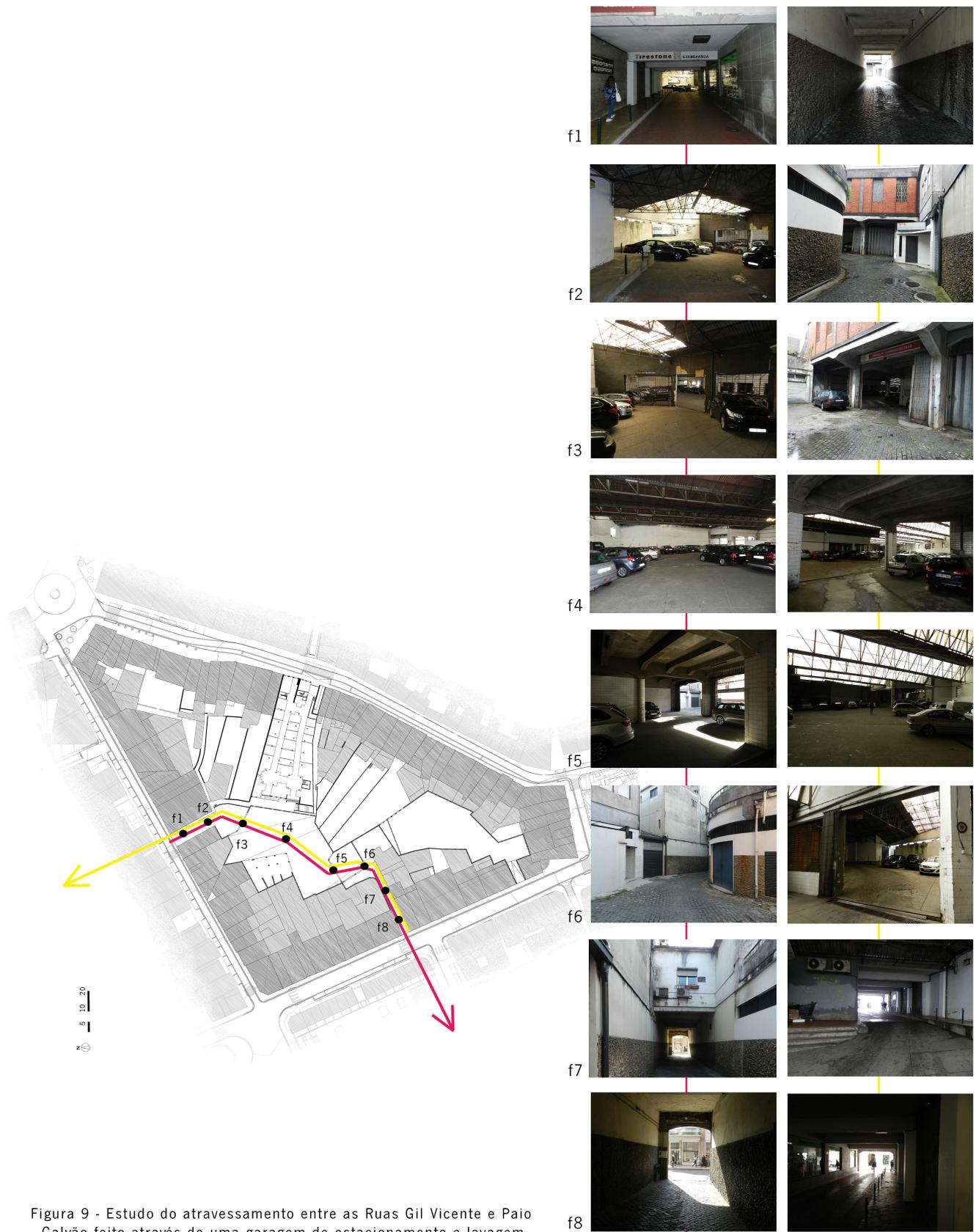


Figura 9 - Estudo do atravessamento entre as Ruas Gil Vicente e Paio Galvão feito através de uma garagem de estacionamento e lavagem automóvel, propriedade privada, : planta de rés-do-chão e fotografias.

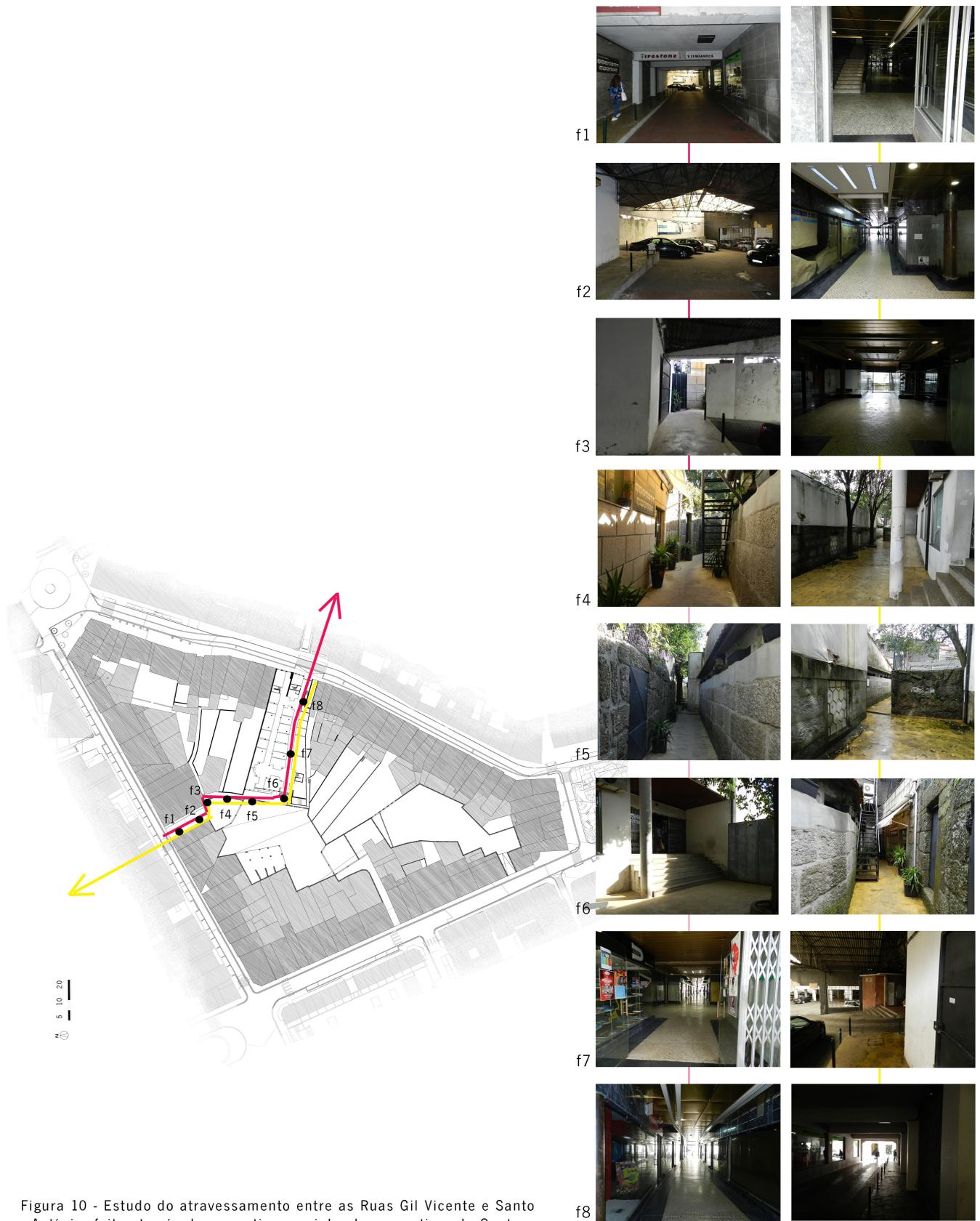
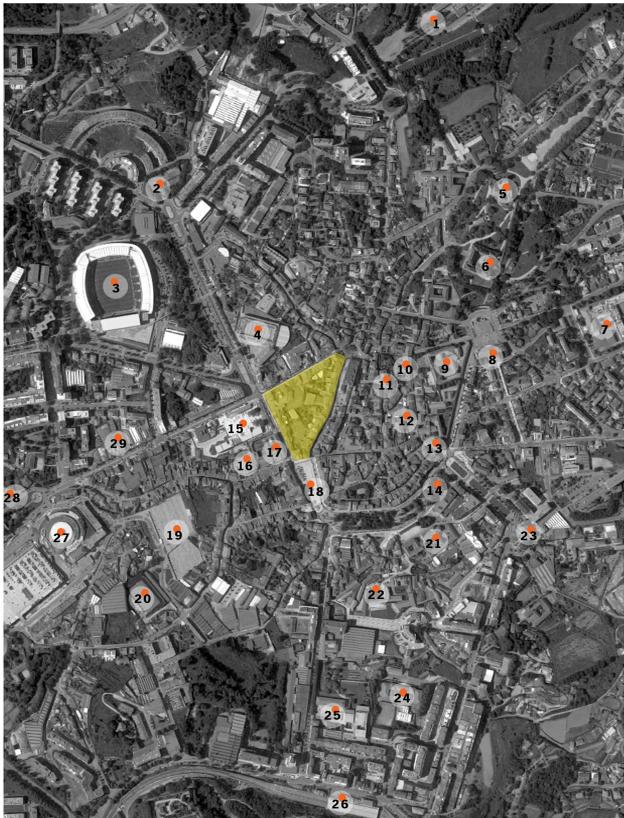


Figura 10 - Estudo do atravessamento entre as Ruas Gil Vicente e Santo António, feito através de um antigo caminho de serventia e do Centro Comercial Santo António: planta de rés-do-chão e fotografias.



LEGENDA (fig 6):

- - Id. do quarteirão
- 1- Universidade do minho
- 2- Posto PSP
- 3- Estádio d. Afonso Henriques
- 4- Castelo de Guimarães
- 5- Paço dos Duques de Bragança
- 6- Escola sec. Francisco de Holanda
- 7- Escola sec. Martins Sarmento
- 8- Tribunal
- 9- Câmara municipal
- 10- Biblioteca municipal
- 11- Arquivo municipal
- 12- Praça Santiago e Largo N. S. da Oliveira
- 13- Museu Alberto Sampaio
- 14- Alameda de S. Damaso
- 15- Plataforma das artes
- 16- Igreja S. Domingos
- 17- Museu Sociedade Martins Sarmento
- 18- Largo do Tournal
- 19- Espaço da feira semanal
- 20- Mercado municipal
- 21- Igreja S. Francisco
- 22- Pousada da juventude e Fraterna
- 23- Igreja S. Gualtar
- 24- Escola E/B 2 e 3 Egas Muniz
- 25- Centro Cultural Vila Flor
- 26- Estação ferroviária
- 27- Central de camionagem e GuimarãesShopping
- 28- Centro Hospitalar do Alto Ave
- 29- Casa da Memória

LEGENDA (fig 7):

- - Quarteirão de Santo António
- - Espaços Públicos
- - Parques de estacionamento
- ⊙ - Futuro Parque de Estacionamento - Projeto da autoria do atelier *Pitágoras Arquitectos*.

Figura11 - Identificação de edifícios culturais, religiosos e públicos mais relevantes

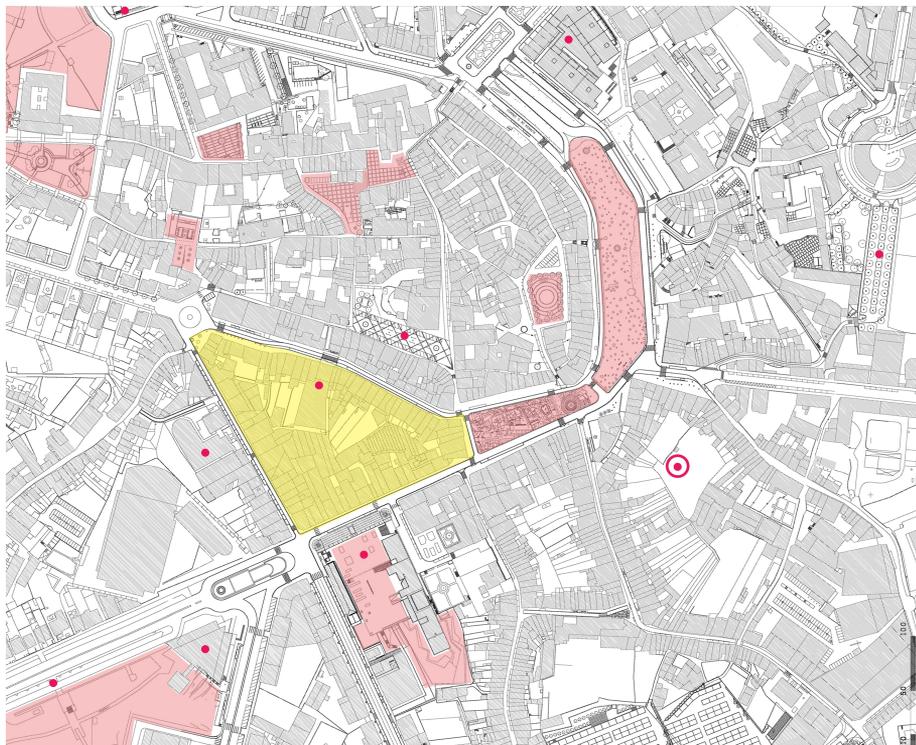
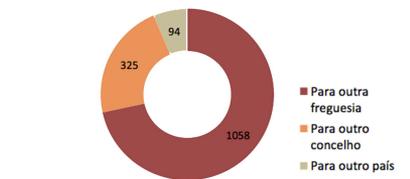
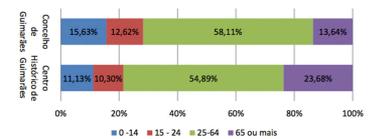


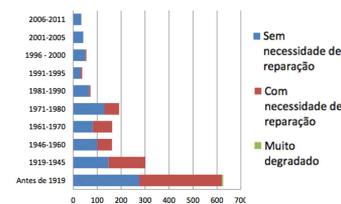
Figura 12 - Identificação dos principais espaços públicos e parques de estacionamento



Valores absolutos de migração do decénio 2001-2011



Distribuição da população do centro histórico e do concelho de Guimarães por faixas etárias



Estado de degradação do edifício do centro histórico de Guimarães

Figura 13 - Gráficos adaptados do Censos 2011 (Fonte: FARIA, 2014:8, 7 e 15)

3.3. Edifícios: Ocupação e Programa

Os centros históricos, de um modo geral, encontram-se numa situação delicada devido a questões relacionadas tanto com o comércio tradicional como com a habitação, num resultado da difícil coexistência (nomeadamente entre, restauração, bares e habitações), bem como com o estado de conservação do edificado e os valores de aquisição ou rendas.

Por outro lado, a atratividade das periferias tende a aumentar, pela relação entre o preço e a qualidade das habitações, pela crescente qualidade das infraestruturas e dos equipamentos e também pelo facto da maioria das ofertas de emprego se localizarem fora do centro tradicional. Isto vem acentuar o processo de gentrificação e o centro torna-se, cada vez mais, dedicado a faixas da população muito específicas (figura 13).

Em Guimarães, com os métodos de atuação do GTL⁸, conseguiu-se atenuar este processo, uma vez que o GTL via a intervenção com a finalidade de manutenção e não de substituição do existente. No caso optou-se por intervenções pequenas e necessárias e processos de transformação mais lentos. Desta forma, os impactos económicos eram reduzidos e tornava-se possível a permanência dos moradores nas suas residências no durante as intervenções. (AGUIAR, 2004:3, 11 e 12)

Enquanto cidade, Guimarães reúne todas as características principais que são opção a ter em conta na escolha de local para habitar (figura 11 e 12), de acordo com os resultados obtidos no estudo levado ao *XII Colóquio Ibérico de Geografia*⁹, do qual é importante ter em conta que 45,6% dos inquiridos reside em centros urbanos. Esta opção é tomada principalmente pela existência de boas acessibilidades e proximidade a equipamentos, espaços de lazer, local de trabalho, comércio, serviços de apoio (correio, banco, etc.), espaços desportivos, cafés e restaurantes. Pois, tendo em conta um inquérito efetuado com o objetivo

⁸ Durante o seu período de atuação (1985-1998), o GTL conseguiu reabilitar mais de 50% dos edifícios do Centro Histórico (AGUIAR, 1998: 10).

Pela primeira vez, um grupo – a equipa GTL, é premiada pelo prémio Nacional da Arquitetura para a melhor obra de conservação, seguindo-se mais tarde o Prémio de Real Fundação de Toledo. Estas atribuições dão destaque à cidade que, vai servir como exemplo para Portugal e para a Europa. (AGUIAR, 1998: 4)

Foram intervenções eficientes que permitiram criar, segundo Miguel Frazão “*um espaço de eleição para todos aqueles que aqui vivem ou queiram viver*” (citado em CARNEIRO, 2004:94)

⁹ De acordo com o estudo decorrido em 2010, identificou-se que as razões consideradas mais relevantes na escolha de um local para habitar e quais os fatores mais valorizados na área envolvente, são: raízes familiares (47,6%); proximidade ao local de trabalho (44,9%); boas relações de vizinhança (46,6%); qualidade ambiental envolvente (39,7%); tranquilidade (27%); segurança (25,2%); proximidade a estabelecimentos de ensino (23,2%), entre outros.

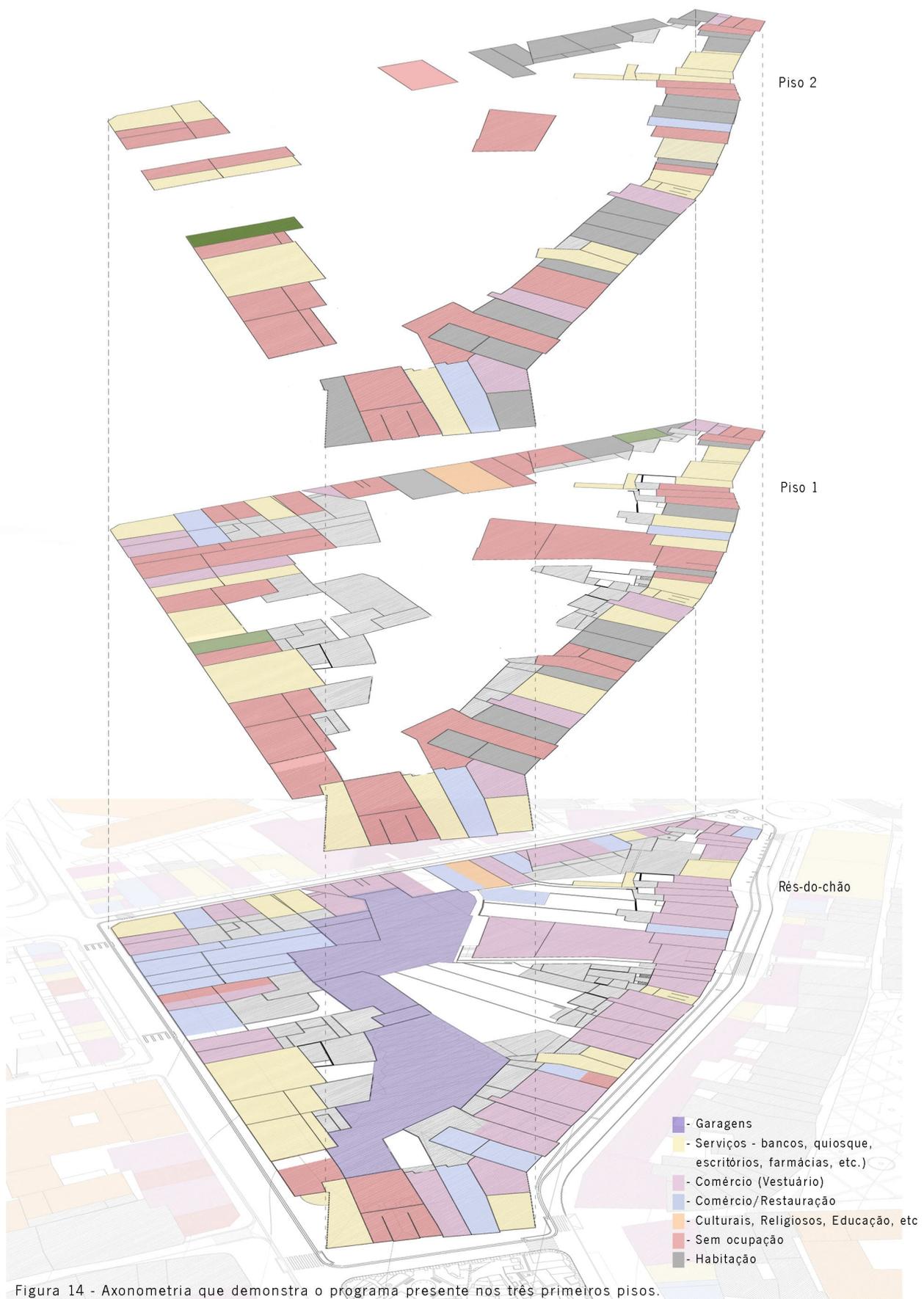


Figura 14 - Axonometria que demonstra o programa presente nos três primeiros pisos.

de identificar os usos existentes no edificado (figura 14) verifica-se que existe uma grande variedade de usos, desde comércio de vestuário, restauração, serviços (bancos, farmácias, quiosques) que preenchem todo o rés-do-chão do quarteirão, que se encontra relacionado com a rua. Já os que se encontram relacionados com o interior do quarteirão são maioritariamente anexos e armazéns sendo grande parte da área ocupada por garagens. Nos pisos seguintes não há tanta variedade de usos, a percentagem de ocupação diminui e muitos dos pisos encontram-se atualmente vazios. Dos que estão ocupados, o uso divide-se entre habitação e serviços (maioritariamente escritórios e consultórios médicos / estética).

Habitação - |importância histórica e número de habitantes|

Segundo Carneiro (2004:87) *“em Guimarães, a maioria dos moradores faz actualmente uma avaliação positiva da requalificação urbana e, até ao momento, não se pode referir divisões provocadas pela intervenção municipal”*. Contudo, a população mais envelhecida é quem ocupa, de modo mais permanente, as habitações destes edifícios. Sendo assim, conforme vão saindo, as habitações vão sendo abandonadas, tornando-se, portanto, indispensável atrair novos moradores. É, por isso, importante perceber o estado de conservação e ocupação dos edifícios do Quarteirão de Santo António, não esquecendo que captar habitantes e assegurar a sua permanência é a base para a preservação dos edifícios e dos espaços públicos. Sem habitantes, a cidade perde a vida.

Ao percorrer qualquer uma das ruas que formam o Quarteirão de Santo António, reconhece-se na rua de Santo António e largo do Tournal as fachadas mais antigas, muito presentes no centro histórico classificado, construídas entre os séculos XIII e XVII, e nas ruas Paio Galvão e Gil Vicente as fachadas de edifícios dos séculos XIX e XX com características mais contemporâneas.

Embora os edifícios destinados à habitação tenham as fachadas bem conservadas voltadas para a rua, o interior e as fachadas voltadas para o quarteirão encontram-se bastante deterioradas. Cerca de 45% dos pisos, independentemente do uso a que se destinam (habitação, comércio, serviços, entre outros), encontram-se vazios e, dos 65 edifícios que compõem o quarteirão, dois estão completamente vazios, e cerca de 18 têm apenas um dos

pisos ocupado (tendo em conta que, em média, cada edifício é composto por três pisos). A esta situação acrescenta-se, também, o facto de 17 dos 65 edifícios não possuírem entrada independente (dos quais, sete estão parcialmente vazios).

Ao longo dos anos, os espaços destinados à habitação foram diminuindo. Com a preferência na procura de habitação nas periferias e o conseqüente desinteresse no centro da cidade, a solução encontrada de forma a rentabilizar e ocupar estes espaços passa pela sua transformação em escritórios e consultórios que, atualmente, começam a ficar igualmente abandonados.

Comércio - | ocupação comercial e movimento gerado |

Em Guimarães, os centros comerciais de maiores dimensões, maior oferta e melhores condições, cresceram na última década. O *Guimarães Shopping*, inaugurado em 1995, é em 2009 alvo de um projeto de expansão e é inaugurado, nesse mesmo ano, o *Espaço Guimarães* na periferia da cidade. Será preferível criar novas e melhores condições para os pequenos centros comerciais presentes no núcleo da cidade, ou será melhor assumir que poderão já não corresponder a uma necessidade da população e repensar as suas funções?

Desde a classificação que, em 2001, eleva o centro histórico de Guimarães a património cultural da humanidade, a visita de turistas à cidade aumentou cerca de 64% em relação a 1998 (CARNEIRO, 2004:154). A cidade obtém novo destaque em 2004, com o Euro 2004 em Futebol que, teve lugar em Portugal, sendo alvo de novas construções e reabilitações urbanas (pavilhão multiusos, estádio D. Afonso Henriques, avenida Conde Margaride, entre outros).

No entanto, apesar destas transformações e das melhorias identificadas na ocupação comercial dos últimos anos, ainda são muitos os espaços que se encontram sem ocupação. As lojas localizadas nos antigos centros comerciais têm pouca procura fazendo com que muitos deles estejam inscritos num processo de abandono. A quantidade de espaço disponível, a fraca acessibilidade e visibilidade, bem como a baixa atratividade das suas características tipológicas, não contribuem para que sejam entregues a novos usos ou a atividades comerciais de maior especificidade.

Para que em 2012 Guimarães fosse eleita Capital Europeia da Cultura foram realizadas intervenções, entre 2009 e 2011, nomeadamente no largo do Toural, na alameda de S. Dâmaso e na rua de Santo António, de forma a privilegiar os percursos pedonais e oferecendo, assim, melhores condições de conforto e segurança para os peões. Desde então, as ruas recuperaram movimento e os espaços comerciais parecem mais preenchidos.

No centro comercial Santo António os espaços comerciais encontram-se, na grande maioria, encerrados, à exceção das duas lojas com frente para a rua de Santo António, do estacionamento e dos pisos superiores dos edifícios que fazem fachada para a rua (funcionam como escritórios privados) que ainda se encontram em funcionamento. Em situação quase

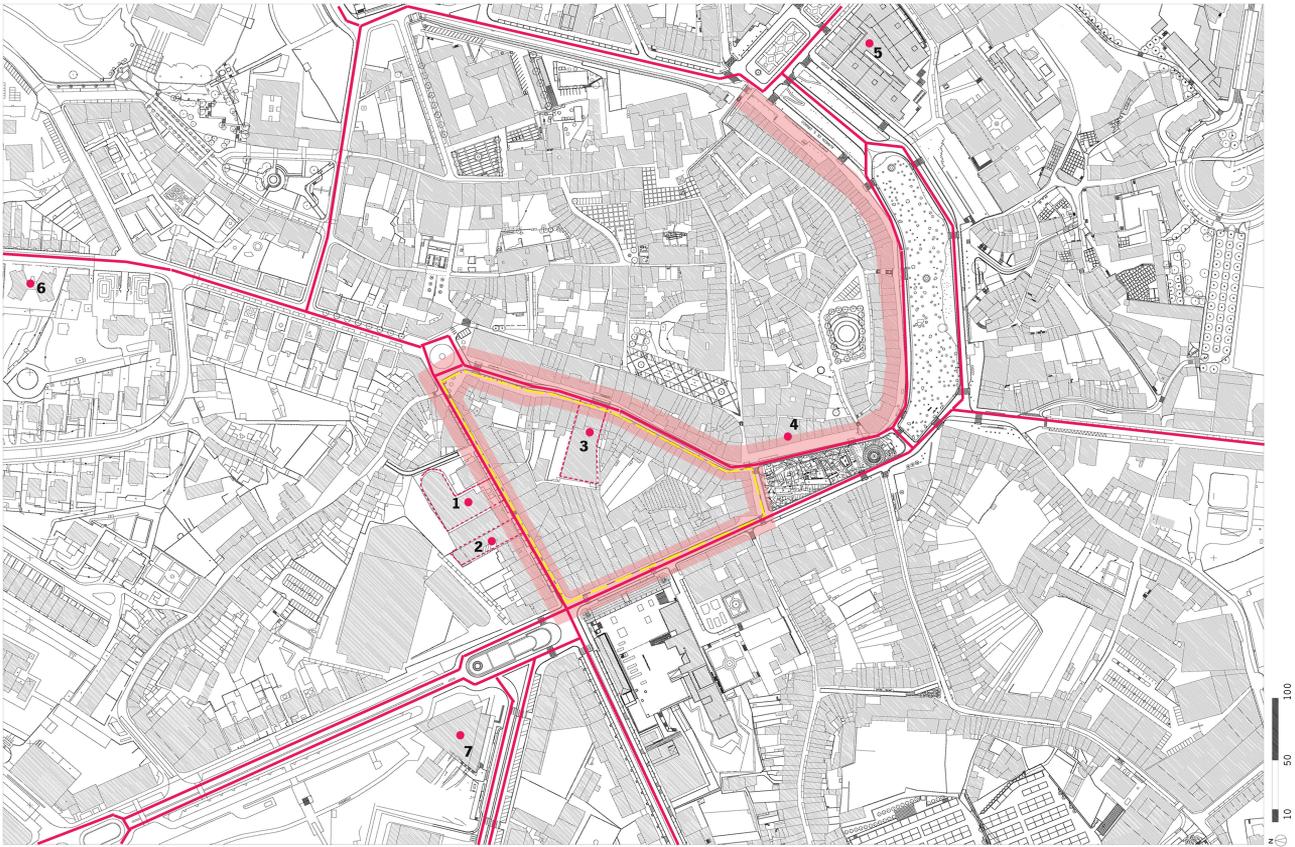


Figura 15 - Planta: identificação dos principais eixos viários e comerciais; localização dos centros comerciais na envolvente

- Eixos viários
- Eixos / Centros comerciais



1 - Centro Comercial Palmeiras



2 - Centro Comercial Fundador



3 - Centro Comercial Santo António



Figura 16 - Fotografias dos centros comerciais : fachada e interior

(1 e 2 pela relação de proximidade que têm com o Quarteirão e o 3 por ser parte integrante do próprio Quarteirão, ocupando parte do seu miolo).

semelhante encontra-se o centro comercial Palmeiras e o centro comercial Fundador, situados na rua Gil Vicente (figura 16).

O centro comercial Santo António tem maior relevância para este trabalho pois, para além de integrar o espaço interior do Quarteirão em análise, mesmo com a ausência de espaços comerciais em funcionamento, é utilizado e cruzado pedonalmente por pessoas todos os dias. Contudo, a sua função reduz-se à de travessia entre as ruas Gil Vicente e Paio Galvão.

As ruas que limitam o Quarteirão de Santo António foram alvo de intervenção (2010-2012) e encontram-se nas condições desejáveis para circulação pedonal e automóvel, mesmo no cruzamento que acontece na rua de Santo António, entre os peões e o acesso ao estacionamento subterrâneo do centro comercial, tendo em conta que é uma necessidade para a população e, não existindo outra forma de resolver este problema, mantendo o parque de estacionamento, as fragilidades foram atenuadas com o alargamento do passeio, possibilitado uma maior visibilidade e garantindo assim, uma maior segurança aos peões.

“Contudo, o que me parece realmente interessante é perceber que muito mais gente percorre e permanece naqueles espaços, o que significa que, para além dos passeios, se conquistou um novo território em termos de rotinas quotidianas. E fico também muito satisfeita por ver, que ao fim de semana, está cheio de pessoas, há famílias inteiras a conversar, carrinhos de bebés, os miúdos gritam e correm, os bancos estão ocupados, o que acontece até durante a semana, desde que haja sol.”

Maria Manuel Oliveira apud (BORGES, 2012:42)

Contudo, a situação agravou-se com o encerramento das lojas no interior do centro comercial, que se mantêm vazias. Pois, com a finalidade de prevenir vandalismo, os acessos verticais aos pisos superiores e inferiores, ou seja, zona de cinemas e parque de estacionamento, foram interditos e, neste momento o acesso dos peões ao estacionamento é feito pela rampa de acesso automóvel, que com apenas uma faixa funciona como via de entrada e saída dos automóveis.





Figura 17 - Fotografia panorâmica do interior do quarteirão - de Sul a Oeste

Fachadas
Posteriores



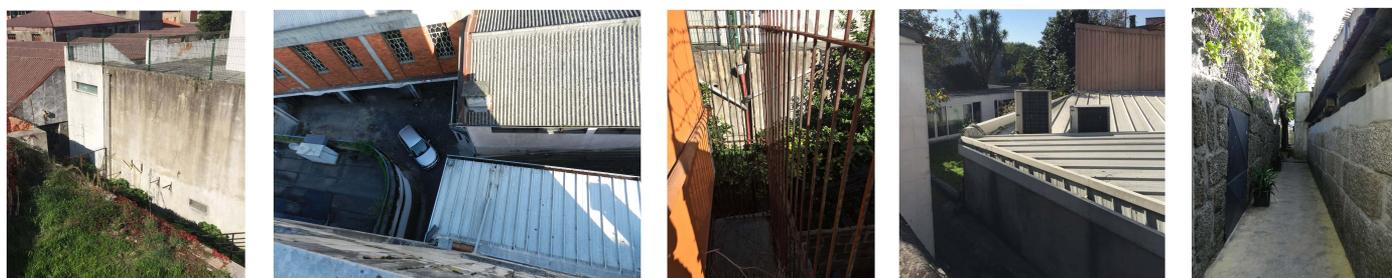
Espaço
Interior



Espaço Verde



Espaço Intersticial



Superfícies

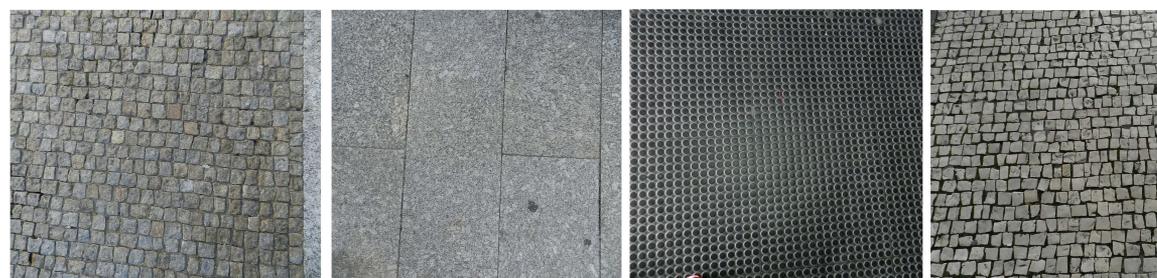
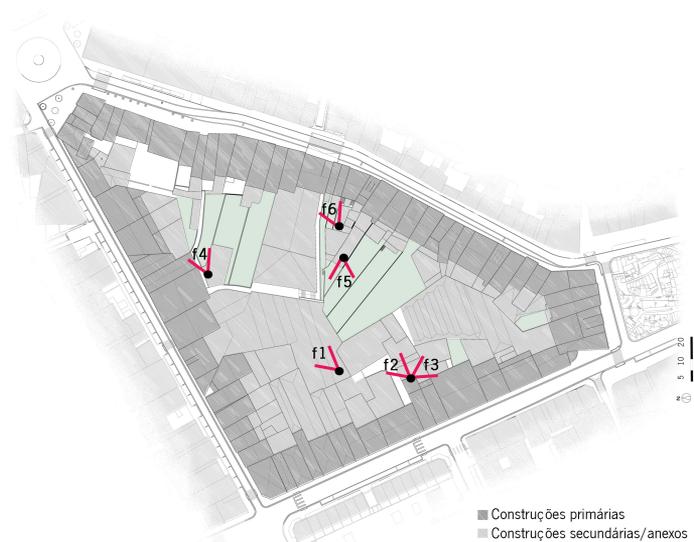


Figura 18 - Levantamento fotográfico e temático do interior do Quarteirão



Existem duas garagens de grandes dimensões. A representada (f1), localiza-se a Norte e, atualmente utilizada como estacionamento. A que se encontra a Sul, encontra-se atualmente inutilizada. Encontram-se ambas, a nível construtivo, degradadas e pouco funcionais.



Apesar de as fachadas dos edifícios que estão voltadas para as ruas se apresentarem num bom estado de conservação, as que se encontram voltadas para o interior, já apresentam sinais de degradação, como se observa na f2 e f3.



Existem espaços vazios no interior do quarteirão: um antigo caminho de serventia (f4) e vários logradouros. Um deles é um jardim cuidado de uma habitação, outro foi aproveitado pelo café como espaço de esplanada e, os restantes encontram-se descuidados (f5 e 6).

Figura 19 - Fotografias - estado atual do interior do quarteirão

3.4. Espaço Interior do Quarteirão

| constituição e funcionalidade |

Um dos motivos para as cidades se expandirem para as periferias foi precisamente a escassez de área útil para novas construções nos núcleos das antigas cidades. Estas são locais de vida intensos, muito infraestruturados, nas quais, cada porção de solo disponível, edifício que fica devoluto (consequência de toda a mudança cultural, social e económica que nos vai acompanhando ao longo de todos estes séculos), são de valor público, não devendo ficar sem função por demasiado tempo, mas sim, ser reaproveitado e a sua função repensada. Neste sentido existe muito edificado no centro da cidade que não é devidamente potenciado, um dado que contribui para o enfraquecimento dos centros e para o crescimento das periferias. Neste ponto, existem poucos instrumentos urbanos que permitam aos municípios atuar em espaços do domínio privado que se encontram em avançado processo de abandono.

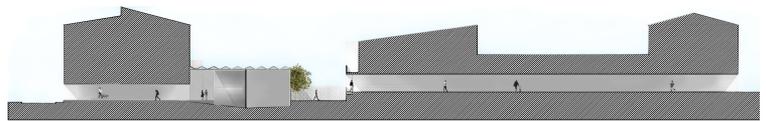
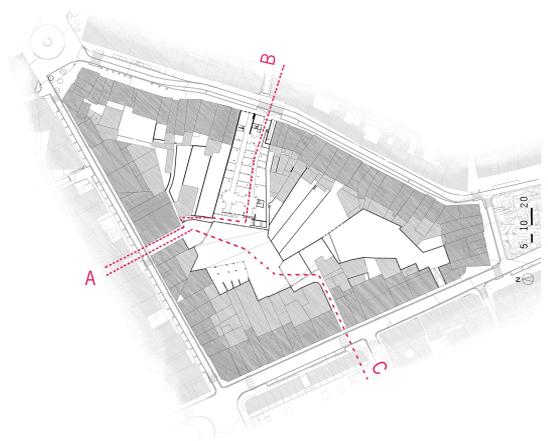
O núcleo do Quarteirão que outrora era constituído pela soma de várias parcelas pertencentes às habitações que o limitam e o escondem da cidade, após vários séculos de mudanças (ver o ponto 2.1), chega aos dias de hoje constituído por duas garagens que ocupam uma área considerável (figura 19).

Os terrenos têm, de momento usos distintos. Alguns são parte exterior das habitações, e outras dividem-se entre espaços cuidados e terrenos quase abandonados (figura 19). Uma destas parcelas funciona como esplanada de um dos cafés que tem entrada pela rua de Santo António, mas sem qualquer articulação com o interior do Quarteirão.

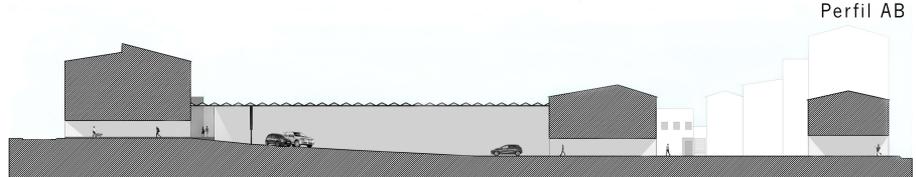
Existe ainda um restaurante, construído no limite de um dos logradouros que apesar de publicamente conhecido e de grande afluência, é muito fechado e não promove relações com o espaço exterior. No período noturno, com o encerramento do centro comercial e da garagem, o acesso é escuro e desconfortável.

“Assume-se que o indivíduo quando faz uma escolha residencial não está somente preocupado com o que existe da janela para dentro do imóvel, mas também (e cada vez mais) com o que existe da janela para fora.”

HERMAN apud FREITAS, 2010:2



Perfil AB



Perfil AC

Figura 20 - Estudo do comportamento e aproveitamento da luz natural e raios solares ao longo dos atravessamentos existentes.

É na quantidade de espaços abandonados que se devem criar pequenos espaços, capazes de promover a modernização e a atratividade do antigo núcleo e proporcionar mais e melhores condições, não só aos que nele habitam mas também aos que o visitam. O que está “da janela para fora”, para além de influenciar a qualidade de vida dos habitantes, influencia a qualidade e funcionalidade do espaço envolvente. Este interior de Quarteirão, que é o exterior da janela de vários indivíduos, pode vir a reunir mais vantagens do que aquelas que apresenta.

| luz, materialidade e textura |

A presença de luz natural e do sol foram também alvo de análise pela importância e influência que o comportamento da mesma tem sob a arquitetura e pela forma como interfere na forma como apreendemos e qualificamos um espaço.

“A luz (...) mostra o significado e as intenções que são determinadas através do processo de concepção, projeto e construção. No processo de concepção de um projeto, a investigação sobre o utilizador que vai frequentar o espaço é fundamental para o sucesso sobre as intenções inerentes nele.”

ESTÊVÃO, 2013:22

Os atravessamentos que existem no interior do quarteirão, tendo em conta o comportamento e aproveitamento da luz natural ¹⁰, são escuros e húmidos. É um espaço desconfortável e pouco potenciador enquanto área pública, pouco convidativo ao atravessamento e à permanência.

Tal como foi descrito anteriormente, o centro comercial é parte integrante do atravessamento entre as ruas Santo António e Gil Vicente mas a luz natural está presente apenas nas aberturas das portas de entrada, localizadas nas duas extremidades do edifício e transformando o espaço interior num túnel, onde o jogo de luz e sombra definem claramente um limite entre o interior e exterior. É uma luz que se perde a poucos metros da entrada no

¹⁰ “Existem muitos tipos de luz (...) Segundo a sua direção, Luz Horizontal, Luz vertical e Luz Diagonal. Segundo a sua qualidade, Luz Sólida e Luz Difusa” (BAEZA, Alberto Campo. *A ideia construída*. Caleidoscópio. P:18) A Luz horizontal surge quando se abre um vão no plano vertical, a vertical quando é feito no plano horizontal e a diagonal quando é feita em ambos. (ESTÊVÃO, 2013:98)

edifício, transformando-o num espaço escuro e obsoleto, isento da luz natural e, como consequência, da artificial uma vez que os espaços comerciais se encontram encerrados (figura 20).

Na garagem, espaço que integra o atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Paio Galvão, existem três tipos de aberturas: uma no plano horizontal e duas nos planos verticais. No plano vertical, existem aberturas semelhantes às do centro comercial, que desenham as portas de entrada e permitem uma entrada de luz mais sólida. Porém, a qualidade interior é melhorada com janelas, em vidro opalino que, tal como acontece com o material escolhido para a cobertura, permite uma entrada de luz controlada e difusa (figuras 19 e 20).

Os espaços a céu aberto que encontramos ao longo dos atravessamentos têm pouca incidência de raios solares, pois são condicionados pelos muros das construções secundárias ou pelos muros de grande dimensão que limitam e impedem a relação dos logradouros com o interior do Quarteirão. Como são estreitos, estão praticamente sempre em sombra.

“Introduzir o sol é o novo e mais imperioso dever do arquitecto”

Carta de Atenas, 1933, citado em BARROSO, 2012:11

Porém, não é apenas uma questão da localização e dimensão da entrada de luz; a escolha de materiais de acordo com as suas características (cor, textura) são também detentoras de propriedades que nos permitem potenciar a luz ¹¹ ou, em contrapartida, onde a interação da mesma com o objeto arquitetónico provoca situações negativas e imprevistas pelo autor na sua concepção, como foi o caso da *Torre Walkie Talkie*, de Rafael Viñoly, em Londres ¹².

O leque reduzido de materiais e soluções construtivas nas construções existentes na área a intervir tornam os espaços interiores, do ponto de vista luminoso, mais pobres e menos atrativos. Ao não permitirem que a luz chegue ao solo impedem que as superfícies e os

¹¹ “No México é costume utilizar a pintura de fachadas com cores fortes e garridas como amarelo, laranja, vermelho ou azul, para que a forte luz perca intensidade e equilibre a relação com a poeira sempre presente e esvoaçante. No sul da Europa, verificamos que o Branco é dominante, solução encontrada para contrariar a intensidade de luz diária, refletindo-a o máximo possível e evitando altas temperaturas no interior das casas.” (ESTÊVÃO, 2013:20)

¹² “Cujas fachadas em vidro refletem os raios de sol com grande intensidade (...) [segundo] investigação feita, a Land Securities e a Canary Wharf concluíram que a situação se deve à elevada posição do sol no céu, a qual acontece durante cerca de duas horas por dia e que se deverá prolongar por duas ou três semanas.” (FONSECA, Sofia. “Edifício de Londres está a derreter carros”. Diário de Notícias. Ciência. 2013. Consultado a 22-04-2016 - <http://www.dn.pt/ciencia/sabia-que/interior/edificio-de-londres-esta-a-derreter-carros-3401385.html>)

materiais estabeleçam contrastes que confirmem densidade e identidade aos espaços. No que se refere ao revestimento dos pavimentos, ao longo dos atravessamentos, deparamo-nos com sete materiais distintos (figura 18), provocando uma perda da continuidade, que existe nas ruas envolventes. Esta confusão de materiais, texturas e cores intensifica a sensação de desconforto.

Alberto Baeza refere que *“A luz como o vinho, para além de ter muitos tipos e tons, não permite excessos. A combinação demais, de vários tipos de luz no mesmo espaço, como o vinho, elimina a qualidade final dos resultados”* (apud ESTÊVÃO, 2013: 206). Esta analogia aplica-se igualmente ao cuidado que se deve ter na escolha de materiais e cores.

AÇÃO

“O silêncio das ruas desabitadas é, mais do que um crime, uma abjecção do mundo contemporâneo, que deixa perder ou assassina o sentido de existência. Porque uma cidade é feita de vizinhos. É feita de bulícios, gestos, choros, falas, congruências e incongruências. Passado e presente, memória e esquecimento. Uma cidade é feita de actos de viver: (...) atitudes concretas que fazem parte de um universo habitável e poético onde cada um por humilde e apagado que seja, desempenha o seu papel no jogo complexo e contraditório de ser cidadão”

PACHECO apud CARNEIRO, 2004:100

4. Referências e Estratégia

O Quarteirão é um elemento estruturante da malha urbana que separa um espaço público de um espaço privado. Ao longo da história, a sua morfologia altera-se – é pensado e organizado segundo uma malha geométrica, ou adquire uma forma mais aleatória resultado de uma construção não planeada - porém, a sua função de articular espaços construídos com o espaço livre e a capacidade de dividir o espaço público do privado, o aberto do fechado ou de filtrar a transição entre eles, mantém-se.

“Os casos frequentes, mesmo junto ao centro urbano, de lotes profundos, levam a que a imagem da densidade sentida na rua seja traída pela existência de grandes espaços não edificadas como miolo dos quarteirões”

ROSSA apud CARNEIRO, 2004:33

A tipologia irregular do Quarteirão de Santo António, tal como se concluiu na análise, resulta da sobreposição e transformação que a própria cidade de Guimarães sofreu ao longo dos séculos. O seu interior, tal como aconteceu um pouco por toda a Europa, transformou-se (a partir da revolução industrial) num espaço denso e, perante as intervenções levadas a cabo por toda a cidade, num lugar pouco valorizado e esquecido. Contudo, acredita-se ser ainda possível devolver este espaço à cidade, afirmando-o e inserindo-o no sistema de espaços públicos da mesma. O problema de densificação da malha urbana atinge o seu auge no final do século XIX / início do século XX, pela necessidade urgente de um planeamento urbano mais funcional que por um lado colocasse fim às questões de falta de higiene e más condições de vida e ao mesmo tempo adaptado à nova realidade, resolvendo assim os problemas do mercado imobiliário.

Para resolver os problemas da cidade identificados neste período, são evadas a cabo grandes mudanças de ‘limpeza’ da malha urbana, inspiradas pelas teorias, estratégias e ações desenvolvidas por Haussman, Ildefonso Cerdá, Howard, Le Corbusier (entre outros). Atores determinantes de um período optimista e revolucionário.

O plano de Ildefonso Cerdá, designado de *Eixample*, para Barcelona (figura 21), procura criar um espaço urbano mais arejado e funcional, assentando numa malha ortogonal



Figura 21 - Axonometria do Plano Eixample, de Cerda. 1863
(Fonte: planocerda.blogspot.com)



Figura 24 - Quarteirão Fünf Höfe em Munique. Herzog & Meuron, 1999/2003. Consiste numa intervenção que preserva a memória, a funcionalidade é alterada mas a lógica estrutural é preservada. O seu caráter comercial e a inclusão de atravessamentos garantem a sua utilização. (TORRES, 2006:61)

(Fonte das fotografias):
<https://hosgor.wordpress.com/2011/08/16/funf-hofe-munche-n-germany-courtyards-concept-in-a-modern-shopping-passage/>

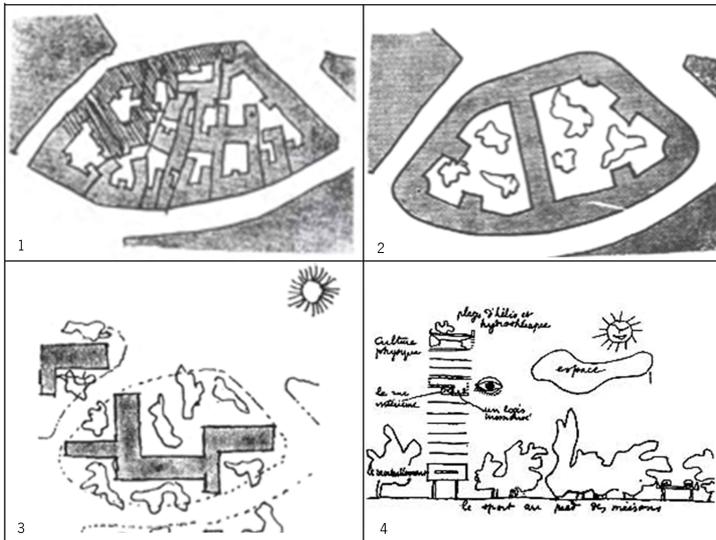


Figura 22 - Esquemas de Le Corbusier.
1 - representa o quarteirão tradicional
2 - ilustra a vontade de concentrar as construções num bloco contínuo alinhado pela rua, libertando assim o núcleo do quarteirão e torna-lo acessível através da rua.
3 - ilustra a desconstrução do quarteirão, afastando os blocos da rua, deixando de existir um núcleo encerrado.
4 - ilustra o interesse pelas construções verticais, nas quais se concentrariam todos os usos, libertando o solo e consolidar a área verde.

(Fonte: LE CORBUSIER:85-88; www.pinterest.com)

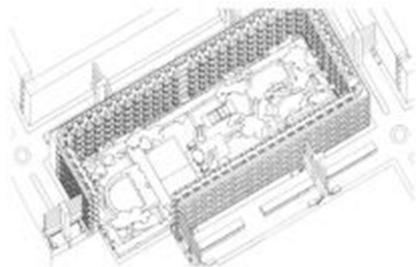


Figura 23 - Plano da Ville Contemporaine de 1922 que vai de encontro à ilustração 2, da figura 23.

(Fonte: OLIVEIRA, 2009:44)



Figura 25 - Quarteirão D. João I no Porto. Alexandre Burmester, A estratégia passou por demolir todas as construções secundárias ou que não possuem valor patrimonial e criar um edifício novo. O espaço livre sobranante é dividido em dois: um de carácter privado, e outro de carácter público. A sua utilização está dependente do sucesso da área comercial. (TORRES, 2006:61 e 62)

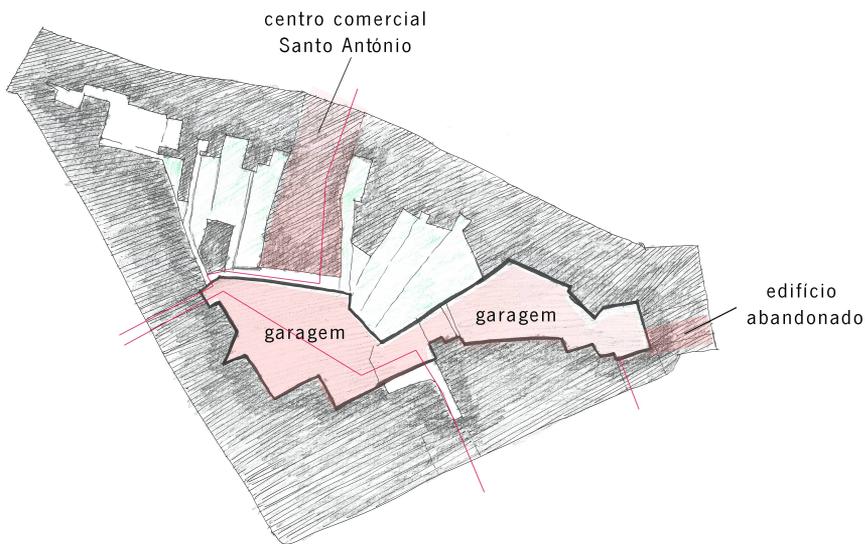
(Fonte da fotografia: <http://fotos.sapo.pt/fovi/fotos/?uid=0FzYye6qTgzjw7m37BAy>)

e onde passa a existir um cuidado na implantação e orientação do espaço construído. O espaço construído nunca ocupa todo o perímetro da área de implantação, pelo menos um dos lados é preservado sem construção, para que o acesso ao espaço livre do mesmo seja público e articulado com a cidade. Esta nova ideologia vem marcar uma tipologia de quarteirão e de cidade mais moderna. Apesar deste plano, com o impacto da revolução industrial, a procura de espaço para construção de novas habitações mantém-se elevada e, nem mesmo os vazios previstos no plano de Cerdá resistiram. Tornando o *Eixample* um exemplo não só de uma planificação de Quarteirão modernista projetado de raiz, como também, de um projeto de intervenção que pretende retomar os espaços livres propostos no projeto inicial.

O plano de Le Corbusier propõe a verticalização dos edifícios, conseguindo mais área de solo livre, viabilizando a circulação, ventilação e presença de luz natural e raios solares. Neste caso, quanto maior é a altura do edifício, mais reduzida se torna a ocupação do solo, aumentando assim o espaço livre entre edifícios. Este plano levou a uma desconstrução da morfologia do quarteirão (figura 22). E, apesar das suas reflexões o encaminharem para o bloco isolado, na *Villa Radieuse*, tal como na *Unité d'habitation*, no qual a massa construída afasta-se da rua, criando uma imagem de blocos isolados, onde deixa de existir o miolo de quarteirão. Num primeiro momento, no projeto para a *Villa Contemporaine* (figura 23), mantém-se a ocupação do seu perímetro pela massa construída alinhada pela rua; porém o espaço construído é organizado num grande volume libertando e aumentando assim o interior que se torna acessível através da rua.

Estes exemplos, como tantos outros, servem pois de inspiração para novas construções ou para propostas de intervenção em lugares que se encontrem em situação semelhante como, por exemplo, o Quarteirão de Santo António.

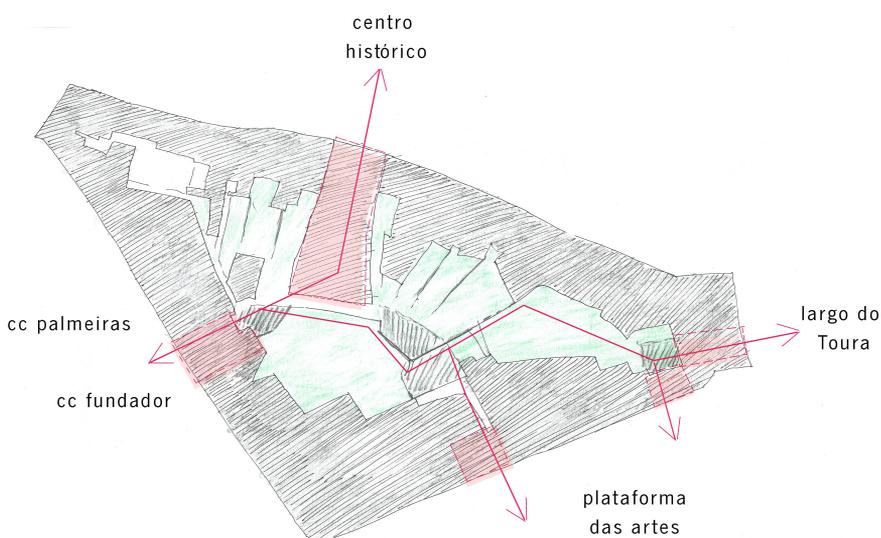
O objetivo principal do projeto é contribuir para a afirmação e requalificação do quarteirão através de uma ação projetual sobre os seus principais espaços e percursos. A ação proposta procura potenciar os atravessamentos e restabelecer as relações entre a frente urbana, a rua, e o que existe para lá dela, o interior do quarteirão.



- Identificar os elementos que constituem e caracterizam o interior do Quarteirão

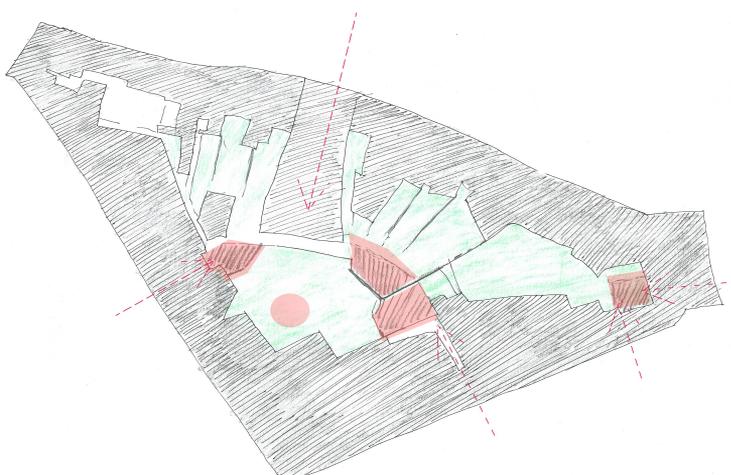
- Qualificar o estado construtivo e funcional dos edifícios e espaços existentes

- Consolidar a mancha verde



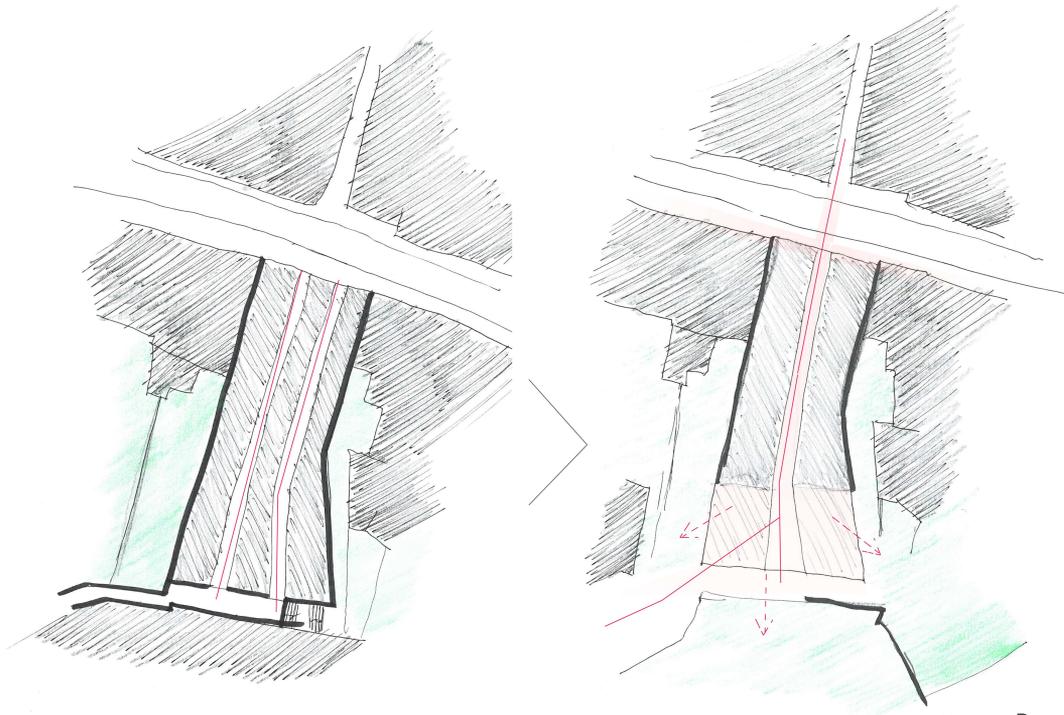
- Afirmar e requalificar os atravessamentos

- Reativar a funcionalidade do edifício do centro comercial Santo António e do que está voltado para o largo do Toural

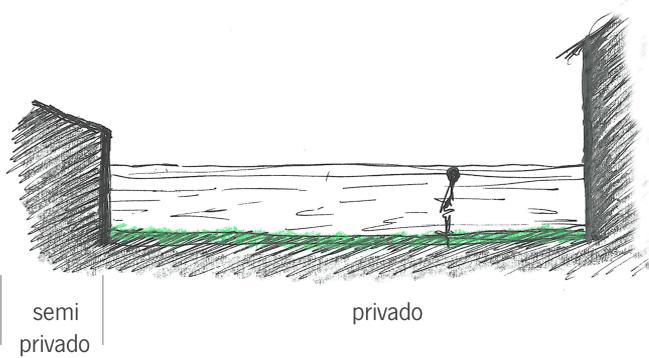


- Afirmar o núcleo do Quarteirão como um espaço livre, acessível e integrado no sistema de espaços públicos da cidade

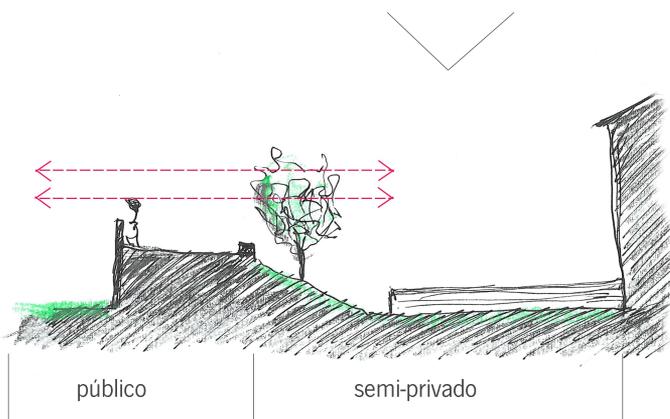
- Criar espaços de estar/lazer, momentos de paragem e descoberta que tornem os atravessamentos e o interior do Quarteirão mais atrativo



- Permitir uma maior relação dos edifícios com o espaço verde interior ao quarteirão



- Atrair os espaços comerciais ou as habitações para usufruto de uma relação direta com o Quarteirão.



- Explorar as relações entre interior e exterior, entre espaço público e privado

Figura 26 - Conjunto de desenhos e estratégias de Intervenção



Figura 27 - Área de Intervenção

A definição de *Cluster*¹³, de José Samina, é ideal para descrever as principais intenções da proposta: “*gerado pelo desejo/necessidade de um espaço de transição da casa com a rua (...) apresenta-se-nos como uma unidade urbana capaz de criar lugares de descoberta e intimidade na cidade (...) funciona como alternativa ou refúgio em relação a outros espaços e artérias mais públicas e movimentadas da cidade.*” (SAMINA, 2013:17)

Foi necessário repensar a organização do interior do quarteirão, perante a vontade de consolidar e aumentar a mancha verde, porque se considera importante que o interior do quarteirão se destaque enquanto espaço livre e verde, que complementa e complexifica os espaços da cidade. Optou-se por suprimir os edifícios que, após a análise efetuada no capítulo anterior, se revelaram mal aproveitados ou abandonados e sem interesse arquitetónico. No entanto, houve o cuidado de preservar os traços que marcam e caracterizam o interior do quarteirão, protegendo a legibilidade dos muros e do sistema parcelar existente, numa estratégia que tem como referência o trabalho desenvolvido pela empresa de arquitetura de Herzog e de Meuron, no *Quarteirão Fünf Höfe* (figura 24), em Munique.

A estratégia proposta distancia-se daquelas que, por exemplo no Porto, no projeto para o Quarteirão D. João I (figura 25) têm contribuído para uma progressiva densificação do interior dos quarteirões. Apesar da existência de construções secundárias em estado degradado (devido também às más construções que revelam possuir), a proposta visa mantê-las, reorganizando o espaço interior de forma a influenciar e permitir que as mesmas sejam futuramente, intervencionadas pelos proprietários.

A estratégia de criação de um novo espaço verde mais amplo vai permitir a complexificação de programas/ usos, melhorando as condições de mobilidade e estabelecendo uma articulação mais franca com o comércio de rua e com o centro comercial. De acordo com Nuno Portas, “*de que as novas formas urbanas se podem reconciliar, em termos económicos, com espaços exteriores mais apropriáveis pelos moradores (para jardinagem, horticultura e recreio, reduzindo a pressão para a segunda residência)*” (PORTAS apud MARQUES,

¹³ Cluster é um termo introduzido pelos CIAM10 em 1956 “*surge enquanto realidade de associação urbana e representava uma tentativa de compreender o que era necessário para a consolidação de uma comunidade num lugar particular*”, igualmente utilizado pelo arquiteto e urbanista Gordon Cullen. (SAMINA, 2013:17)

2009:67), este novo espaço tenta ser precisamente isso: mais atrativo e um prolongamento para o exterior das habitações. A estratégia é , assim, a da criação de espaços públicos e privados articulados por elementos de fronteira mais flexíveis, de forma a potenciar a relação entre ambos e a criar um espaço livre amplo e único no interior do Quarteirão.

A escolha de materiais é simples, com pouca variação cromática, de forma a que a luz e a sombra tenham um papel principal na construção do espaço e na caracterização dos ambientes propostos. “*O universo monocromático cria um universo multicolorido*” (ANDO apud ESTÊVÃO, 2013:68) e, segundo a carta de Atenas (1933) “o sol, a verdura, o espaço, são os três primeiros materiais do urbanismo” (MARQUES, 2009:48).

É pretendido que este novo espaço urbano, se revele atrativo para a população visitante e para os habitantes, que poderão usufruir de um espaço exterior equilibrado e valorizado.

TRANSFORMAÇÃO

“Um espaço feliz é um lugar que provoca, pacífica e espontaneamente, uma sensação de acolhimento, instigando a troca e a criação, e despertando uma ligação afetiva em quem nele vive, pela memória que persiste nas pedras, solidificando imagens, identidades e signos “

BACHELARD apud ORTEGOSA, 2009:2

5. A nova identidade do Quarteirão de Santo António

Com a proposta de intervenção executada, o interior do Quarteirão de Santo António transforma-se num espaço público com uma relação mais franca e direta com a cidade e com o espaço verde. O carácter de espaço protegido do reboliço urbano é mantido pela pequena dimensão das passagens, ritmada pela métrica das fachadas existentes e tornando este espaço num lugar público e, simultaneamente, íntimo.

Os atravessamentos são unicamente pedonais, ao ar livre, com uma relação direta com o espaço verde proposto para o interior do Quarteirão e com a passagem pelo centro comercial, acrescentando à sua *valência pragmática, um ponto de vista poético e estético*¹⁴. Visto que é pretendido que “*os percursos pedonais promovam, para além de deslocações rápidas entre lugares, ao mesmo tempo estimulem o conhecimento de momentos diferentes no cenário urbano, tendo sempre em mente o conforto do peão*”, “*mesmo como espaços de intimidade e de algum isolamento, os clusters pretendem-se espaços urbanos de encontro e partilha social, criadores de um sentido de proximidade doméstica onde simultaneamente nos sentimos num espaço urbano e em contacto com a vivência das pessoas que o habitam.*” (SAMINA, 2013:15 e 18)

São propostos espaços de estar ao longo dos atravessamentos, semelhantes a pequenas praças e onde o convívio social é intencional. De forma a reforçar um carácter mais humanizado e intimista, são escolhidos nomes para estes espaços, designados por *Pátio das Amendoeiras, Pátio Novo, Pátio da Memória e Pátio de Santo António*, tornando-os locais mais pessoais e ‘acolhedores’.

Os materiais de revestimento para os elementos propostos, tal como a vegetação, são propostos de modo a promover e potenciar as estratégias propostas. A escolha dos materiais de revestimento permite estabelecer uma continuidade entre exterior e interior de Quarteirão, potenciando as direções escolhidas para os atravessamentos e integrando as estruturas existentes, concedendo um carácter mais poético aos atravessamentos, que é potenciado pela

¹⁴ José Samina caracteriza o percurso através de três valências: *pragmática, poética e estética*. A pragmática está relacionada com o carácter funcional dos percursos, que nos liga de um ponto ao outro. A poética caracteriza o que se pode encontrar no percurso, enquanto o atravessamos, que o possam tornar numa *experiência espacial estimulante*. A estética está interligada com as valências anteriores e caracteriza-se pela *forma, materiais que fazem parte da poética do espaço e evidenciam o seu aspeto funcional, e tipo de atividade social própria para o lugar*. (SAMINA, 2013:14)

escolha da vegetação que, pelas suas características – aromáticas, cromáticas, etc. – tornam este interior de Quarteirão mais atrativo, dotado de momentos de descoberta, diversão e repouso.

As áreas de logradouro serão repostas, numa fase inicial, como espaços de carácter semi-público esperando porém que, com esta nova imagem do interior do Quarteirão, os proprietários dos edifícios voltem a ter vontade de relacionar o interior das habitações com o novo espaço. O carácter comercial que preenche o rés-do-chão dos edifícios, aliado ao novo espaço interior livre, renovado, acessível e integrado no sistema de espaços públicos da cidade, vem promover e aumentar a sua utilização.



LEGENDA:

-  - *Magnolia x Soulangeana*
-  - *Prunus Dulcis (Amendoira)*
-  - *Acer Saccharum*
-  - *Jasminum Nitidum (trepadeira)*
-  - *Lantana Camara*
-  - *Lavandula Angustifolia Mill*
-  - *Pennisetum Clandestinum*
-  - Calcada portuguesa de calcário
-  - Terraway
- 1 - Pátio das Amendoeiras
- 2 - Pátio da Memória
- 3 - Pátio Novo
- 4 - Pátio de Santo António
- 5 - Área lúdica

Figura 28 - Proposta de Intervenção: Planta de Coberturas
Escala 1:750



LEGENDA:

-  - *Magnolia x Soulangeana*
-  - *Prunus Dulcis (Amendoeira)*
-  - *Acer Saccharum*
-  - *Jasminum Nitidum (trepadeira)*
-  - *Lantana Camara*
-  - *Lavandula Angustifolia Mill*
-  - *Pennisetum Clandestinum*
-  - Calcada portuguesa de calcário
-  - Terraway
- 1 - Pátio das Amendoeiras
- 2 - Pátio da Memória
- 3 - Pátio Novo
- 4 - Pátio de Santo António
- 5 - Área lúdica

Figura 29 - Proposta de Intervenção: Planta do rés-do-chão
Escala 1:750

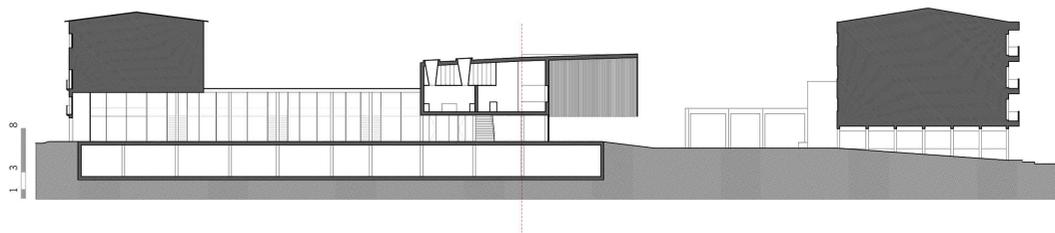


Figura 30 - Perfil CC' - Corresponde ao atravessamento entre as ruas Santo António e Gil Vicente



PERFIS LONGITUDINAIS | ATRAVESSAMENTOS

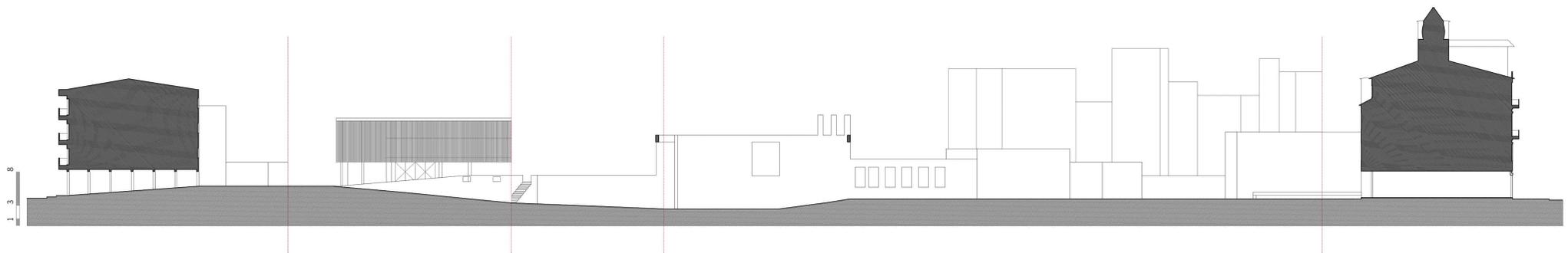


Figura 31 - Perfil DD' - Corresponde ao atravessamento entre a rua Gil Vicente e o largo do Toural.

5.1 Permeabilidades e Atravessamentos

São propostos atravessamentos com quatro pontos de acesso ao interior do Quarteirão. Três deles são os que já ligavam as ruas Gil Vicente, Paio Galvão e Santo António ao interior, surgindo agora uma quarta ligação ao largo do Toural.

Os três existentes são intervencionados pontualmente, de forma a torná-los mais atrativos, com alteração do pavimento e cores mais claras para revestir o seu interior. Pretende-se melhorar a salubridade e a luminosidade do interior do Quarteirão, com uma mancha verde mais consolidada.

Através de um quarto acesso pretende-se que a sucessão de espaços públicos entre a alameda de S. Dâmaso e o largo do Toural se estenda agora para o interior do Quarteirão; num acesso filtrado que atravessa um edifício, atualmente, sem uso e que, simultaneamente, poderá contribuir para a sua reativação. Para o piso térreo, os vãos existentes passam a ser portas envidraçadas, permitindo uma maior permeabilidade e tirando partido do movimento gerado, é proposto um pequeno espaço de exposições.

Destes quatro acessos surgem quatro atravessamentos pedonais (à exceção do da rua Paio Galvão que continua a permitir a passagem de automóveis para servir as habitações) que mantêm a função anterior (de atravessamento) e que agora conduzem a espaços de estar e lazer.

Privilegiou-se uma estratégia de preservação dos muros e estruturas existentes que, conseqüentemente, se tornam a base para o traçado e limites dos atravessamentos. A opção na escolha de um único material de revestimento para os pavimentos de todos os espaços de estar - calçada portuguesa em calcário (figuras 28 e 29) - é feita com o objetivo de fortalecer a relação entre as ruas, o centro comercial e o interior do Quarteirão. Para os atravessamentos, é escolhido um material resinoso (tipo *Terraway*) de cor bege (figuras 28 e 29), pela capacidade em garantir a permeabilidade do solo e pelas semelhanças ao solo natural que seria dominante no interior do Quarteirão.

Os atravessamentos, apesar de pontos de contacto comuns, têm características distintas. Os que surgem do largo do Toural e da rua Paio Galvão têm o *Pátio da Memória* (figuras 28 e 29) como momento de 'chegada'. O primeiro atravessamento é traçado sobre a



Figura 32 - Perfil EE'
Escala 1:300

mancha verde proposta, optando-se por colocar o percurso a meio, para permitir, futuramente, a expansão dos logradouros. O muro a Este é mantido tal como as aberturas que nele existem, pois assim permite-se a permeabilidade visual para os logradouros e para o *Pátio das Amendoeiras* (figuras 28 e 29), despertando a curiosidade e funcionando como estímulo para percorrer o espaço. O segundo atravessamento é limitado pelos edifícios existentes e conduz de forma mais direta ao *Pátio da Memória* (figuras 28 e 29). Tal como o anterior, procede-se à abertura de um grande vão no muro existente para permitir um enfiamento visual ao longo deste atravessamento despertando, mais uma vez, a curiosidade sobre o *Pátio das Amendoeiras* (figuras 28 e 29).

Já os atravessamentos que surgem das ruas Gil Vicente e Santo António têm como ponto de chegada comum o *Pátio de Santo António* (figuras 28 e 29) que, por sua vez, possui ligações muito fortes com os restantes espaços propostos. O primeiro adquire agora um enquadramento visual totalmente livre para o edifício do centro comercial, para o restaurante atualmente existente e para o novo espaço verde. O segundo mantém-se pelo interior do edifício do centro comercial porém com relações mais fortes com o espaço exterior (ver ponto 5.3).



Figura 33 - Alçado com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão através da Rua Gil Vicente.

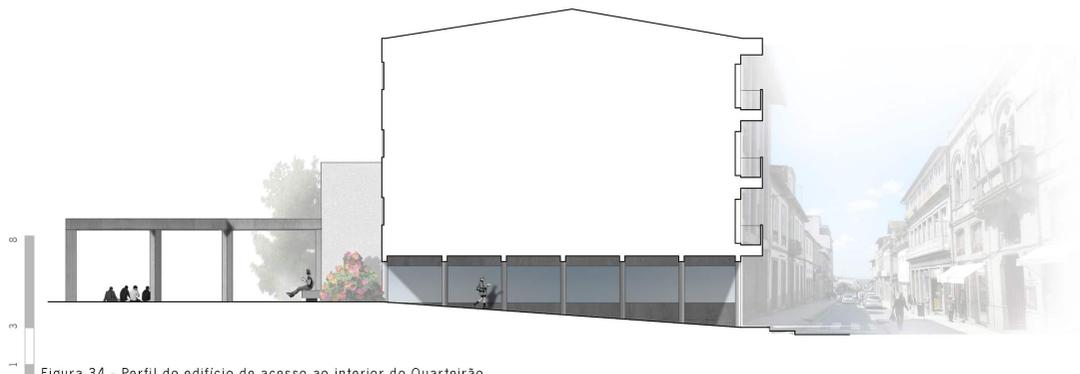


Figura 34 - Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão.
Escala 1:300



ACESSO | RUA GIL VICENTE



Figura 35 - Alçados com a identificação dos acessos ao interior do Quarteirão através da Rua Paio Galvão.

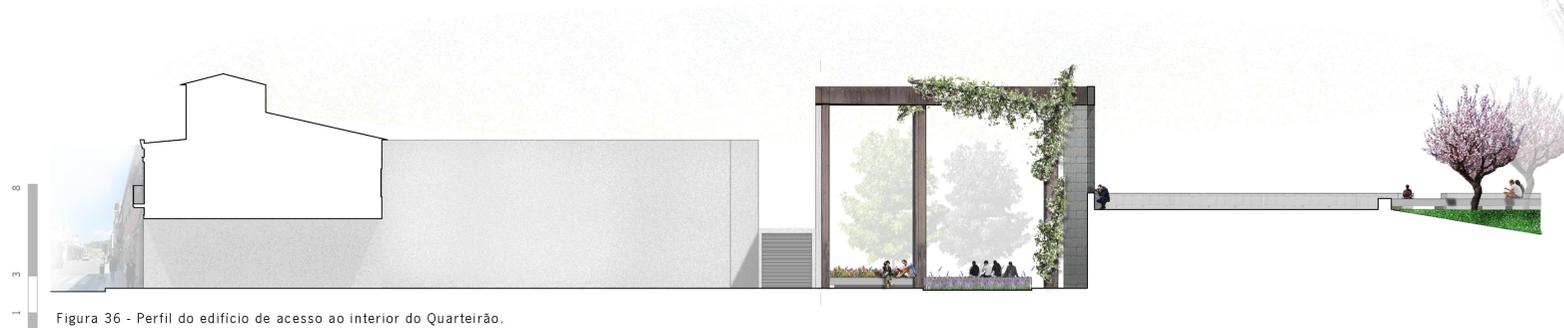
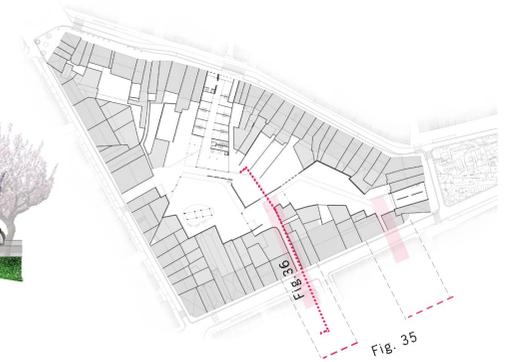


Figura 36 - Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão.
Escala 1:300



ACESSO | RUA PAIO GALVÃO



Figura 30 - Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão.



Figura 31 - Alçado com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão através da Rua de Santo António.
Escala 1:300



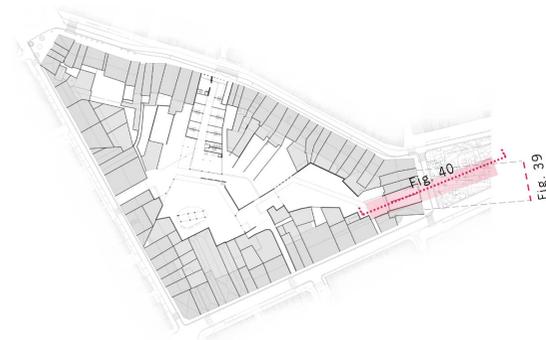
ACESSO | RUA SANTO ANTÓNIO



Figura 39 - Alçados com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão através do Largo do Toural..



Figura 40 - Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão.
Escala 1:300



ACESSO | LARGO DO TOURAL

5.2 Espaço verde, Espaços de Estar/Lazer

Os muros e estruturas existentes foram aproveitados para criar espaços de estar e de lazer.

O *Pátio das Amendoeiras* é uma pequena praça central e é o espaço com maior exposição solar, é também o espaço de onde se tem uma percepção global do interior do quarteirão, da sua diversidade tipológica e construtiva bem como dos diversos usos que acolhe. Este espaço central acolhe e relaciona-se de forma controlada com os logradouros existentes, permitindo uma maior relação dos edifícios com o espaço verde e convidando os espaços comerciais ou as habitações a instituir uma relação direta com o mesmo. De forma a marcá-lo e a diferenciá-lo dos restantes, opta-se por uma plantação de Amendoeiras (figuras 28 e 41) que tanto serve para lhe conferir destaque, como para filtrar e promover alguma privacidade aos logradouros.

Os *Pátios da Memória, Novo* e de *Santo António* funcionam como momento de recepção e como espaço de estar. Locais onde se optou pela colocação de pequenas plantas arbóreas de cores variadas e com características aromáticas (Lavanda e Lantana – figuras 28 e 41) de modo a marcar o momento de pausa e a potenciar um estado de relaxamento.

O *Pátio da Memória*, como foi referido, funciona como momento de chegada mas também como rótula de ligação para os atravessamentos. Neste espaço, há um maior aproveitamento dos muros existentes e, por isso, para além dos arbustos, opta-se pela colocação de trepadeiras (figuras 28 e 41). Devido à grande dimensão dos muros e pilares, a trepadeira não só ajuda a tornar o espaço mais acolhedor como, pela sua apropriação dos muros, se trata de uma solução que remete para o imaginário dos espaços abandonados.

O *Pátio Novo* acolhe quem o acede pelo largo do Toural mas, também, quem o acede através da rua Paio Galvão, pelo interior do edifício da antiga Ourivesaria.

Espécies herbáceas



Pennisetum clandestinum

- resistente à seca e a pragas, adapta-se a qualquer tipo de solo. Requer pouca manutenção.



Lavandula dentata "Lavanda"

- resistente à seca e frio, requer pouca manutenção. É uma planta aromática e pode crescer até 1m.



Espécies arbustiva



Lantana Camara L. "Lantana"

- resistente, adapta-se a qualquer tipo de solo. A cor da flor varia a cada ano. Pode crescer de 30cm a 2m (dependente da poda). As folhas e flores são aromáticas.



Jasminum Nitidum

"Trepadeira Jamim Estrela"

- Resistente ao sol e frio, requer pouca manutenção. De folha perene e flores perfumadas. Pode crescer até 6m.



Espécies arbóreas



Prunus dulcis "Amendoeira"

- De folhagem caduca que surge após a floração. Resistente ao sol. Pode crescer até 8 m.



Magnolia x Soulangeana "Magnólia"

- Ávore de pequenas dimensões (de 4 a 8m). De folha caduca, as flores (aromáticas) surgem antes da folhagem.



Acer Saccharum "Acer"

- adapta-se a todo o tipo de solos, resistente ao calor, frio e pragas. A sua altura pode variar dos 12 - 30 metros.

Comportamento das espécies ao longo do ano

J F M A M J J A S O N D

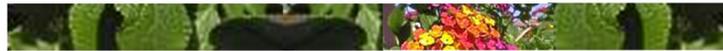
Pennisetum clandestinum.



Lavandula angustifolia Mill.



Lantana Camara L.



Jasminum Nitidum



Prunus dulcis



Magnolia x Soulangeana



Acer Saccharum



Figura 41 - Características e morfologia das espécies vegetais consideradas na intervenção

Por último, a *Área Lúdica*, caracterizada como espaço de estar e lazer, para além da colocação de alguns bancos em maior contacto com o espaço verde e a sombra promovida pelos Acer (figura 28 e 41), aproveita-se a estrutura existente de pilares e vigas para a criação de um parque infantil com escorrega, baloiços e um banco de areia, que serve para delimitar a área.

“Os carros estragam tudo. É uma alegria quando há festas e cortam o trânsito. E tudo se arranja. Ao Domingo não há trânsito e está tudo no meio da rua. As crianças já podem brincar”

(D.G. apud CARNEIRO, 2004:144)



Figura 42 - Perspectiva do Pátio de Santo António

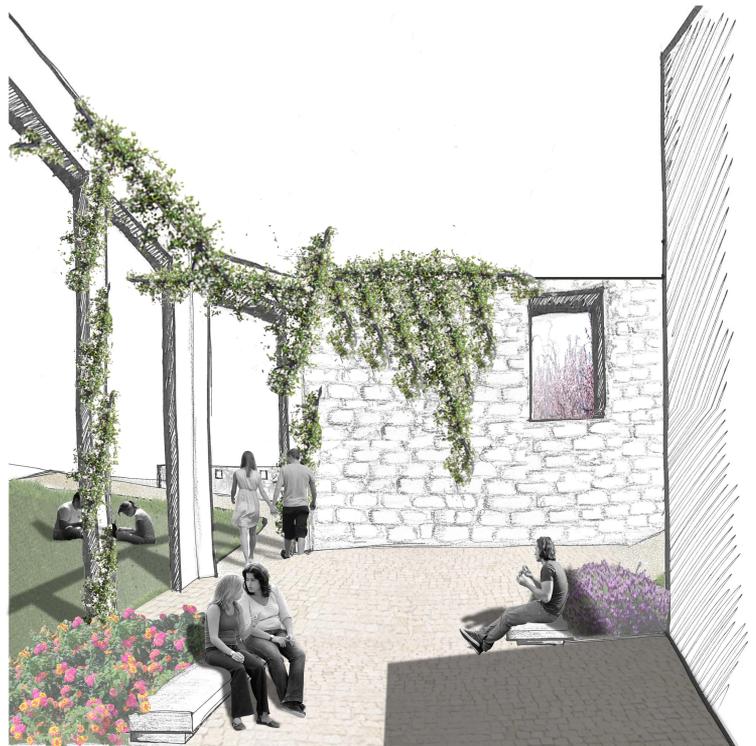


Figura 43 - Perspectiva do Pátio da Memória

5.3 O edifício do Centro Comercial Santo António

O edifício do centro comercial (figuras 46, 47 e 48) divide-se em dois volumes com ambientes distintos conseguidos através de pé direitos, diferentes formas de aberturas e filtros de luz. O primeiro (figuras 45 e 49), de betão e vidro, será o volume que se relaciona com a rua de Santo António e o segundo, de betão, vidro e ripado de madeira, será o volume voltado para o interior do Quarteirão.

Com o objetivo de aumentar a permeabilidade do acesso do centro comercial à rua de Santo António procede-se à eliminação da laje do segundo piso mas preserva-se o sistema estrutural (pilares/vigas em betão armado)(figura 44), conseguindo um pé direito duplo no corredor de circulação, que agora passa a ser apenas um no edifício, e espaços comerciais. Este acesso ao interior do Quarteirão é ladeado por espaços comerciais (agora com pé direito duplo parcial) com grandes e transparentes frentes de vidro. O vidro reveste também o tecto do corredor de circulação possibilitando a entrada de luz natural para o interior de todo o comprimento do edifício. Trata-se de uma solução referenciada nas passagens/galerias comerciais que, em grandes cidades europeias (como em Paris ou Londres), atravessam o interior dos quarteirões. Para os espaços comerciais, é proposta uma nova tipologia, mais versátil, podendo ter um ou dois pisos e albergar outro tipo de programas (escritórios, ateliers e espaços de exposição, etc.).

No segundo volume (figuras 50 e 51), revestido por um ripado de madeira (que funciona como um filtro que protege o espaço interior e ao mesmo tempo garante uma forte relação com o exterior), a solução inspira-se nas construções leves e muitas vezes efémeras que surgem nos quarteirões e vai ao encontro de uma vontade em diferenciar as construções do perímetro do quarteirão das que se implantam no seu interior. Ao nível do rés-do-chão, com pé direito comum, integra-se as instalações sanitárias, um átrio (voltado para sul, envidraçado) permitindo a contemplação do espaço exterior. A norte, acolhe e atrai quem vem da rua Gil Vicente. No piso superior instala-se um espaço de café/restauração, com espaço de esplanada voltado, igualmente, para Sul. Nas instalações sanitárias e no espaço de preparação de alimentos, opta-se pela colocação de claraboias circulares que, voltadas para Norte, permitem uma luz difusa no seu interior.



Figura 44 - Planta e perfil longitudinal: estado atual e proposta de intervenção. Representação esquemática da métrica estrutural e da volumetria do edifício do centro comercial que no processo de reabilitação foram reaproveitadas.

Resumindo, pode-se afirmar que as soluções preconizadas tiram partido e valorizam a estrutura do edifício existente. Em conjunto, tornam mais franca e direta a relação entre as ruas e o interior do Quarteirão.



Figura 45 - Perspectiva da galeria do centro comercial Santo António



Figura 46 - Planta - Rês-do-chão



Figura 47 - Planta - Piso 1



Figura 48 - Planta - Coberturas



Figura 49 - Perfil FF'
Escala 1:300



Figura 50 - Perfil GG'
Escala 1:300



Figura 51 - Perfil HH'
Escala 1:300



6. EPÍLOGO

A decisão de assumir e requalificar os percursos que atravessam o quarteirão é o resultado da análise efectuada e do vasto conjunto de temáticas que dela foram sobressaindo. Os atravessamentos, estrutura base do espaço urbano, interferem de forma clara com o que os envolve e vice versa. Propondo a requalificação e a reorganização dos espaços no interior do quarteirão é conseguido um equilíbrio do espaço público, ou seja, um equilíbrio entre o carácter intimista, que se procurou manter e potenciar; e a sua valorização enquanto espaço livre, capaz de atrair da população.

O presente trabalho tem uma forte incidência no espaço não construído, ajudando a provar que o sistema de espaços públicos da cidade pode ser pensado de uma forma mais complexa e, até mesmo, ambiciosa, ao integrar espaços 'menos públicos' e portanto menos óbvios, nomeadamente os que existem no interior dos quarteirões.

No entanto, é também esperado que, com as intervenções efetuadas ao edifício do centro comercial Santo António, se aumente o interesse pelos muitos espaços abandonados e de elevado potencial espacial que ainda existem na envolvente, nomeadamente os centros comerciais mais próximos. Acredita-se que a reflexão desenvolvida sobre o espaço privado de uso público do centro comercial pode ser aplicada para os restantes edifícios.

A continuação da investigação sobre o Quarteirão de Santo António poderá estender-se às tipologias dos edifícios de forma a que a partir dos pisos superiores se possa ter uma relação mais franca com o interior do Quarteirão. Sendo importante refletir sobre a fachada das traseiras, nomeadamente revendo aquelas que foram alteradas sem controlo ou supervisão. Este trabalho deverá ser acompanhado de uma reflexão sobre os muitos logradouros privados e sobre as muitas construções, raramente efémeras, que retiram protagonismo ao solo natural.

Espera-se que a investigação desenvolvida se constitua como a semente de um processo que se possa estender a grande parte dos quarteirões cujo miolo se encontra 'desconectado' do sistema urbano.

7. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, J. (1999), "A Cidade do Futuro já existe hoje – algumas notas sobre a reabilitação urbana" in *ATIC Magazine*, nº 24. ATIC, Lisboa.

AGUIAR, J., *A experiência de reabilitação urbana do GTL de Guimarães: estratégia, método e algumas questões disciplinares*, consultado a 01-03-2016, através de:

http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/writer_file/document/837/470419.pdf

APPLETON, J. G. (2005), *Reabilitação de edifícios 'Gaioleiros'. Um quarteirão em Lisboa*. Edições Orion.

BARROSO, R. M.I P. (2012), *O interior do quarteirão como resposta à evolução da cidade: Projeto de reabilitação do interior de um quarteirão em Guimarães*. Tese de Mestrado, UM, Guimarães.

BORGES, N. M. (2012), *Renovação da Praça do Toural, Alameda de São Dâmaso. Rua de Santo António Guimarães*. CMG, Porto.

BRANDÃO, P. (2011), *O sentido da Cidade. Ensaio sobre o mito da IMAGEM como ARQUITECTURA*. Livros Horizonte.

CABRAL, M. G. (2004/2005), *O Interior do quarteirão: Potencialidades para a revitalização da Baixa Portuense*. Prova Final do Curso de Arquitetura, FAUP, Porto.

Câmara Municipal de Guimarães e Gabinete Técnico Local (1998), *Guimarães: Cidade Património Mundial. Um objetivo estratégico*. CMG, Guimarães.

Câmara Municipal de Guimarães, Gabinete Técnico Local; Planeamento Urbanístico do Concelho (2002), *Guimarães: Património Cultural de Guimarães*, volume I e II. CMG, Guimarães.

CARNEIRO, A. M. P. A. (2004), *O património reencontrado - Centro Histórico de Guimarães, património da humanidade: a cidade enquanto memória, espaço de identidade e cidadania*. Dissertação de mestrado em Antropologia, UM, Braga.

DOMINGUES, Á. (1994), "(Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?", *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, Vol. X/XI. Porto.

ESTÊVÃO, M., (2013), *Arquitetar a luz em Alberto Campo Baeza e João Luís Carrilho da Graça*. Dissertação de Mestrado Integrado, Universidade de Évora, Évora, consultado a 01-03-2016, através de:

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/10977/5/Arquitetar%20a%20luz.pdf>

FARIA, P., (2014), *Reabilitação no Centro Histórico de Guimarães – uma visão estratégica*. Mestrado Integrado em Engenharia Civil, FEUP, Porto

FERNANDES, I., (2012), *Quarteirões Abertos*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, Técnico de Lisboa, Lisboa.

FERRÃO, B., AFONSO, J. F., *A evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado*. consultado a 26-01-2016, através de:

http://www.cm-guimaraes.pt/uploads/writer_file/document/799/470409.pdf

FREITAS, Â., MARQUES, T. S., SILVA, F. B., (2010), *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia*. Faculdade de Letras. Porto

GESTA, A., (2011), “Qualification of public space and urban regeneration. Reabilitação em Guimarães, Portugal” Seminário Internacional *Novas Centralidades: Regeneração Urbana e Mobilidade*. LISBOA. 9 de Maio, consultado a 01-03-2016, através de:

http://www.parqueexpo.pt/cache/binImagens/06_Qualification_of_public_space_A_Gesta-5391.pdf

GRAÇA, M. S., (2007), “Espaços privados e usos colectivos: do admirável mundo novo do consumo às novas tipologias comerciais de Lisboa”, *Cidades: Revista del Instituto Universitario de Urbanística de la Universidad de Valladolid*, nº 10, pp. 213-240. consultado a 20-01-2016, através de:

http://www3.uva.es/iuu/CIUDADES/Ciudades%2010/C10_213-240%20GRA%C3%87A.pdf

LE CORBUSIER, *Maneira de Pensar o Urbanismo*. 3ª edição, Publicações Europa-América.

MARQUES, N. C. A. (2009/2010), *Entre o quarteirão e o bloco: Espaços exteriores de uso residencial na habitação colectiva alemã e holandesa dos anos 20*. Dissertação de Mestrado, FAUP, Porto.

MEIRELES, M. J. M. Q. (2000), *O património urbano de Guimarães no contexto da idade contemporânea (séc.XIX-XX): permanências e alterações*. Dissertação de mestrado em Arqueologia Urbana, UM, Braga.

MESQUITA, S. V. Q. (2007/2008), *Quarteirão Erasmus: proposta de uma estratégia de intervenção no centro histórico do Porto*. Prova Final para Licenciatura em Arquitetura, FAUP, Porto.

OLIVEIRA, N. (2009), *Miolo de Quarteirão [ou a cidade pelo avesso]*. Dissertação submetida ao programa de pesquisa e pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ORTEGOSA, S. M., (2009), *Cidade e memória: do urbanismo <arrasa-quarteirão> à questão do lugar*, Arqtextos.

PENERAI, P. R., CASTEX, J., DEPAULE, JC, (1986), *Formas Urbanas: de la manzana al bloque*. Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona.

PEREIRA, M. O. B. A. (2010/2011), *Da passagem coberta a uma estratégia urbana – Contributos metodológicos para a reabilitação do quarteirão das Carmelitas*. Prova Final do Curso de Arquitetura, FAUP, Porto.

QUEIRÓS, J. (2007), “Estratégias e discursos políticos em torno da reabilitação de centros urbanos - Considerações exploratórias a partir do caso do Porto”, *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, Nº 55, Setembro. consultado a 17-01-2016, através de:
<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1115/1/5.pdf>

REBELO, P. R. M. (2006/2007), *O Vazio que não o é – sobre a intervenção no interior de quarteirão*. Prova Final do Curso de Arquitetura, FAUP, Porto.

SAMINA, J. (2013), *Quatro moradias, o interior de um quarteirão o núcleo funcional como organizador do espaço doméstico*. Relatório Final, FAUTL, Lisboa.

TORRES, A. R. N. (2006), *Inside Out - O interior de um quarteirão como espaço urbano*. Prova Final do Curso de Arquitetura, FAUP, Porto.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do século X	8
Figura 2 – Limite do centro histórico e limite das áreas de preservação/intervenção	8
Figura 3 – Fotografias dos locais com maior relevância na cidade de Guimarães	8
Figura 4 – Fotografia aérea com a localização do Quarteirão de Santo António	12
Figura 5 – Evolução do Quarteirão de Santo António	12
Figura 6 – Fotografias que demonstram a transformação das ruas no último século	14
Figura 7 – Estudo dos atuais atravessamentos – perfis	16
Figura 8 – Alçados com a identificação dos acessos ao interior do Quarteirão	17
Figura 9 – Estudo do atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Paio Galvão	18
Figura 10 – Estudo do atravessamento entre as ruas Gil Vicente e Santo António	19
Figura 11 – Identificação de edifícios culturais, religiosos e públicos mais relevantes	20
Figura 12 – Identificação dos principais espaços públicos e parques de estacionamento	20
Figura 13 – Gráficos adaptados do Censos 2011	20
Figura 14 – Axonometria que demonstra o programa presente nos três primeiros pisos	22
Figura 15 – Planta: identificação dos principais eixos viários e comerciais e localização dos centros comerciais na envolvente	26
Figura 16 – Fotografias dos centros comerciais: fachada e interior	26
Figura 17 – Fotografia panorâmica do interior do quarteirão – de sul a oeste	29
Figura 18 – Levantamento fotográfico e temático do interior do quarteirão	31
Figura 19 – Fotografias: estado atual do interior do quarteirão	32
Figura 20 – Estudo do comportamento e aproveitamento da luz natural e raios solares ao longo dos atravessamentos existentes	34
Figura 21 – Axonometria do Plano Eixample, de Cerdá	42
Figura 22 – Esquemas de Le Corbusier	42
Figura 23 – Plano da Ville Contemporaine (1922) de Le Corbusier	42
Figura 24 – Quarteirão Fünf Höfe em Munique, de Herzog e Meuron	42
Figura 25 – Quarteirão D. João I no Porto. Alexandre Burmester	42
Figura 26 – Conjunto de desenhos e estratégias de intervenção	45

Figura 27 – Área de intervenção	46
Figura 28 – Proposta de intervenção: Planta de Coberturas	53
Figura 29 – Proposta de intervenção: Planta de Rés-do-Chão	55
Figura 30 – Perfil CC'	57
Figura 31 – Perfil DD'	57
Figura 32 – Perfil EE'	60
(ACESSO - RUA GIL VICENTE)	
Figura 33 – Alçados com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão	63
Figura 34 – Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão	63
(ACESSO - RUA PAIO GALVÃO)	
Figura 35 – Alçados com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão	65
Figura 36 – Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão	65
(ACESSO - RUA SANTO ANTÓNIO)	
Figura 37 – Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão	67
Figura 38 – Alçados com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão	67
(ACESSO - LARGO DO TOURAL)	
Figura 39 – Alçados com a identificação do acesso ao interior do Quarteirão	69
Figura 40 – Perfil do edifício de acesso ao interior do Quarteirão	69
Figura 41 – Características das espécies vegetais consideradas na intervenção	72
Figura 42 – Perspectiva do Pátio de Santo António	74
Figura 43 – Perspectiva do Pátio da Memória	74
Figura 44 – Planta e perfil longitudinal do centro comercial: espaço atual e proposto	76
Figura 45 – Perspectiva, galeria do centro comercial Santo António	78
(CENTRO COMERCIAL SANTO ANTÓNIO)	
Figura 46 – Planta Rés-do-Chão	79
Figura 47 – Planta Piso 1	79
Figura 48 – Planta Coberturas	79
Figura 49 – Perfil FF'	81
Figura 50 – Perfil GG'	81
Figura 51 – Perfil HH'	81

ABREVIATURAS/SIGLAS

CMG – Câmara Municipal de Guimarães

FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FEUP – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

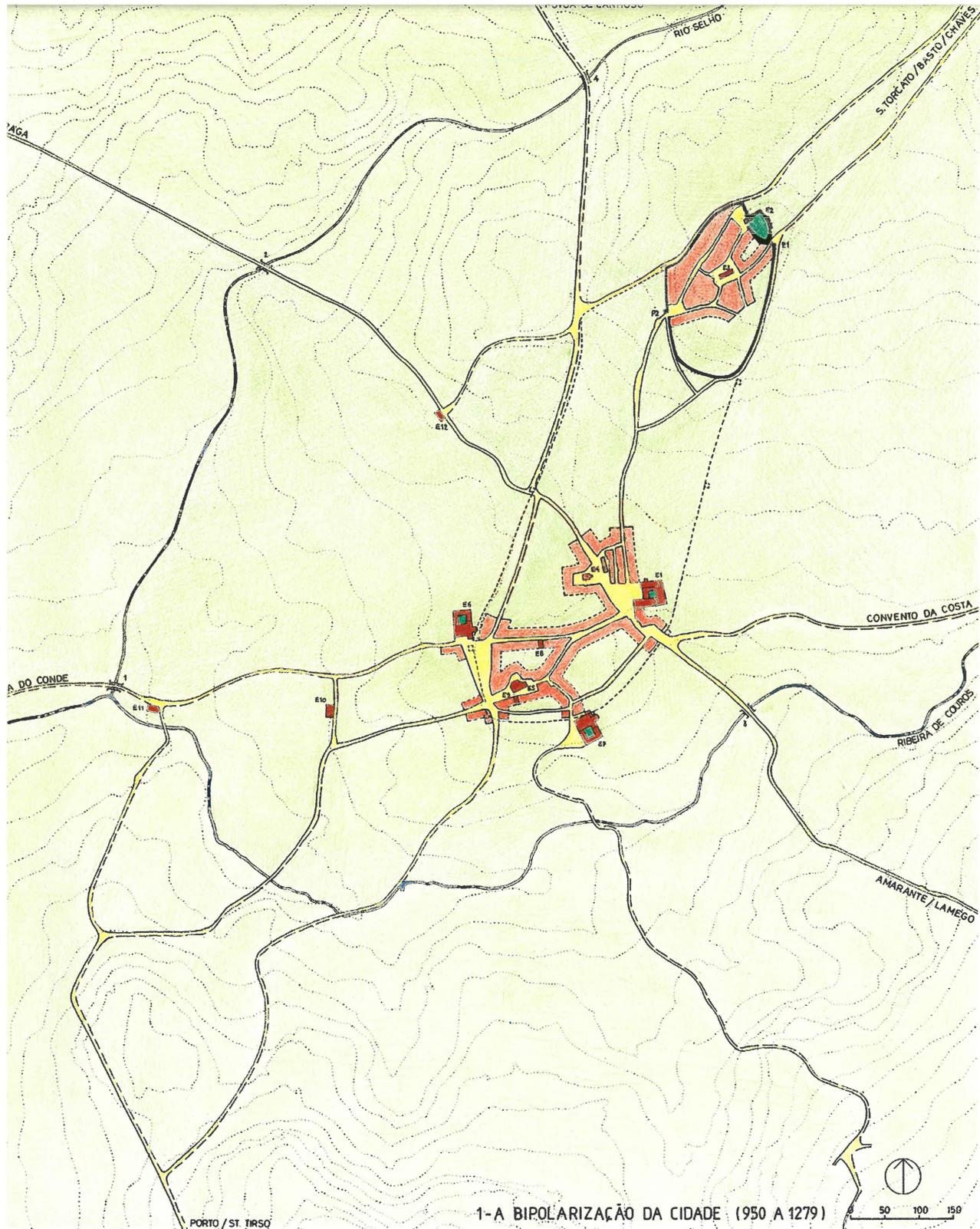
GTL- Gabinete Técnico Local

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

UM – Universidade do Minho

ANEXOS

ANEXO I
 planta - evolução da cidade/quarteirão

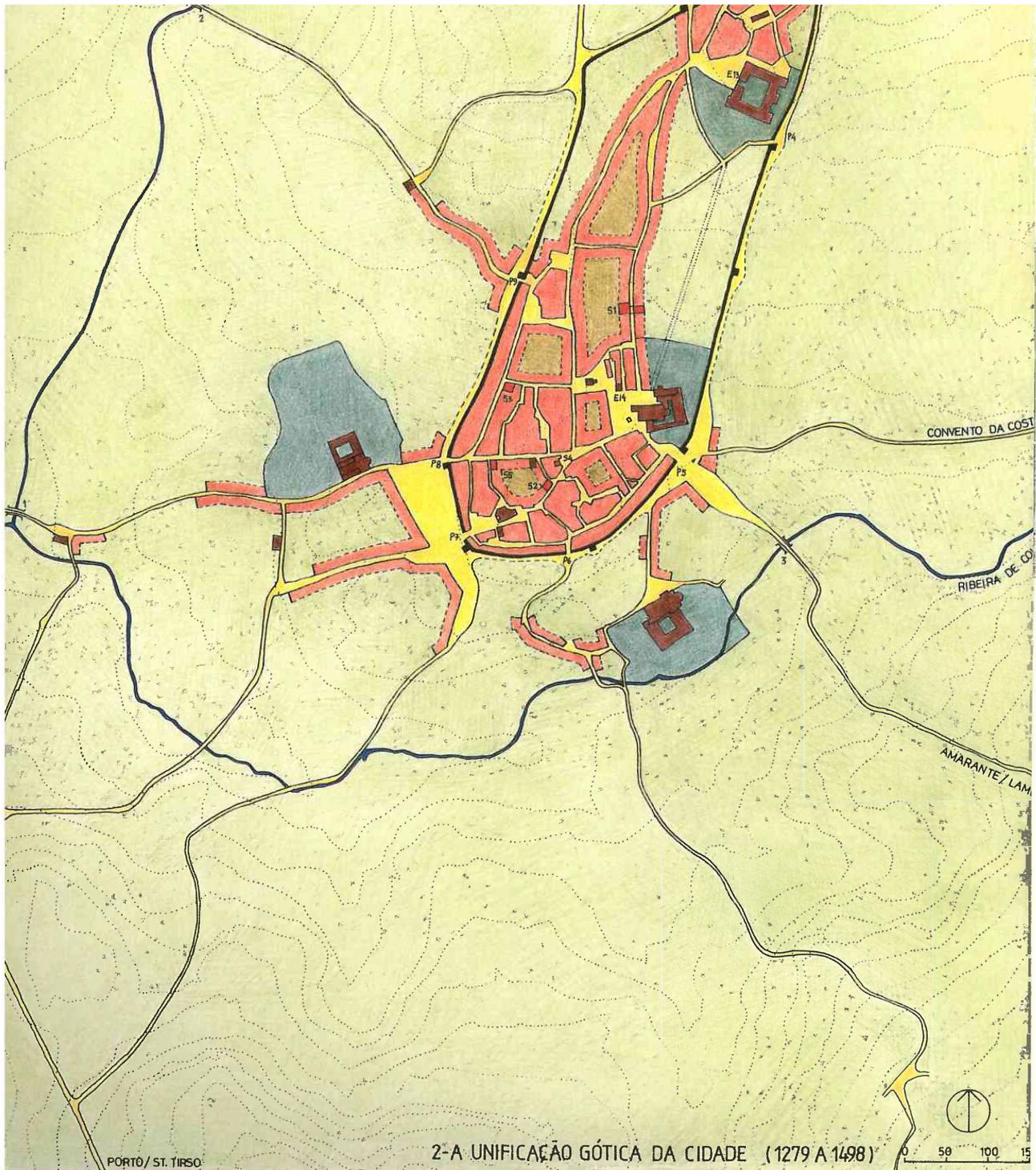


1-A BIPOLARIZAÇÃO DA CIDADE (950 A 1279)

(Fonte: CMG E GTL, 1998)

- | | | |
|---|-------------------|--|
| Equipamentos (conventos, igrejas, etc.) | P 1 – Porta Norte | E 9 – Capela e Albergaria da Sra. do Serviço |
| Malha habitacional | P 2 – Porta Sul | E 10 – Albergaria de S. Roque |
| Veredas, Ruas, largos e praças | | E 11 – Gafaria e Capela de S. Lázaro |
| Linhas de água | | E 12 – Gafaria de S. Luzia |

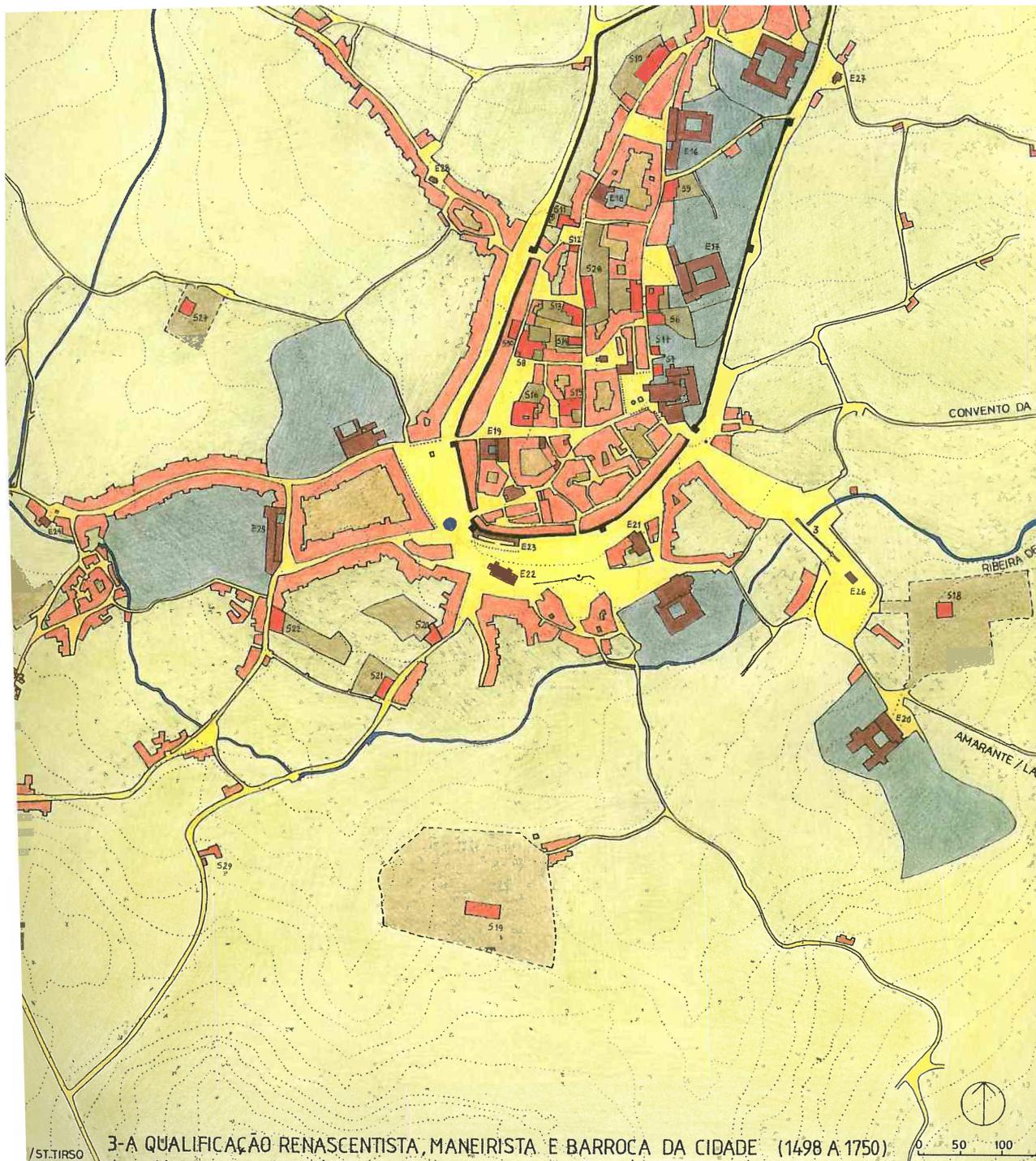
ANEXO II
 planta - evolução da cidade/quarteirão



(Fonte: CMG, 2002. VOLUME I)

- | | | |
|---|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> EQUIPAMENTOS (CONVENTOS, IGREJAS, ETC.) MALHA HABITACIONAL TORRES E SOLARES VEREDAS, RUAS, LARGOS E PRAÇAS LINHAS DE ÁGUA ÁREAS AGRÍCOLAS LOGRADOUROS DA MALHA HABITACIONAL ÁREAS AJARDINADAS DOS EQUIPAMENTOS | <ul style="list-style-type: none"> P3 - PORTA DE SANTA BÁRBARA P4 - PORTA DA FREIRIA P5 - PORTA DA SRA. DA GUIA E CAPELA DA SRA. DA GUIA P6 - PORTA DA TORRE VELHA P7 - PORTA DE S. PAIO P8 - PORTA DE S. DOMINGOS E CAPELA DA SRA. DA PIEDADE P9 - PORTA DE SANTA LUZIA E CAPELA DA SRA. DA GRAÇA P10 - PORTA DA GARRIDA | <ul style="list-style-type: none"> S1 - CASA DO ARCO S2 - CASA DOS ALMADAS S3 - CASA - TORRE DOS MIRANDAS S4 - CASA - TORRE GÓTICA S5 - CASA - TORRE DOS ARAÚJOS |
|---|---|---|
-
- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> E13 - PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA E14 - CASA DA CÂMARA | <ul style="list-style-type: none"> 1 - PONTE DA SENHORA DA LUZ 2 - PONTE DE SANTA LUZIA 3 - PONTE SOBRE A RIBEIRA DE COUROS 4 - PONTE SOBRE O RIO SELHO |
|---|---|

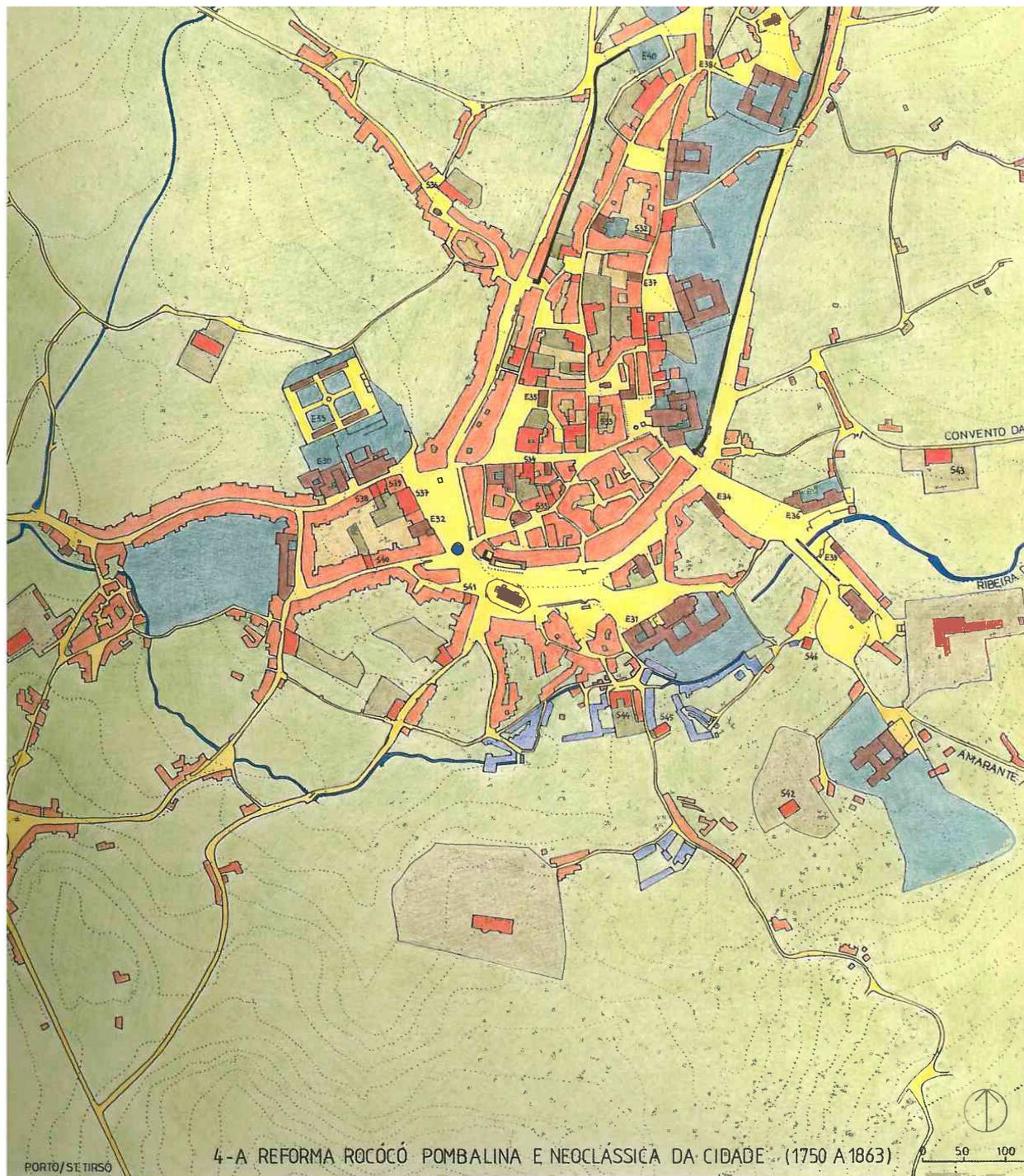
ANEXO III
 planta - evolução da cidade/quarteirão



(Fonte: CMG, 2002. VOLUME I)

(CONVENTOS, IGREJAS, ETC.)	E15 - CONVENTO DOS CAPUCHOS	E27 - CAPELA DE SANTA CRUZ	S13 - CASA DOS PORTUGAIS	S25 - CASA DA GRANJA
IONAL	E16 - CONVENTO DO CARMO	E28 - CAPELA DE SANTA LUZIA	S14 - CASA DOS VALADARES - II	S26 - CASA DOS POMBAIS
ARES	E17 - CONVENTO DE SANTA CLARA	E29 - IGREJA DE N.S.DA CONCEIÇÃO	S15 - CASA DOS ALMEIDAS	S27 - CASA DO PROPOSTO
S LARGOS E PRAÇAS	E18 - RECOLHIMENTO DAS TRINAS		S16 - CASA DOS COUTOS	S28 - CASA NAVARRO DE ANDRADE
A	E19 - MISERICÓRDIA		S17 - CASA DOS PEIXOTOS	S29 - CASA DOS CÃES DE PEDRA
S	E20 - CONVENTO DAS CAPUCHINHAS	S6 - CASA BURGESA MANUELINA	S18 - CASA DE VILA POUCA	S30 - CASA DOS ARAÚJOS
DA MALHA HABITACIONAL	E21 - IGREJA E HOSPITAL DE S. DÁMASO	S7 - CASA BURGESA MANUELINA	S19 - CASA DE VILA FLOR	
ADAS DOS EQUIPAMENTOS	E22 - IGREJA DE S. SEBASTIÃO	S8 - CASA DOS CAMACHOS	S20 - CASA COELHO NOGUEIRA	
OLARES	E23 - ALFÂNDEGA	S9 - CASA DOS VALADARES - I	S21 - CASA DOS LOBATOS	1 - PONTE DA SENHORA DA LUZ
	E24 - CAPELA DE S. LÁZARO	S10 - CASA DO CARMO	S22 - CASA DE CIMÃES	2 - PONTE DE SANTA LUZIA
	E25 - CONVENTO DAS DOMINICAS	S11 - CASA DOS LARANJAIS	S23 - CASA DO COSTEADO	3 - PONTE SOBRE A RIBEIRA DE COUROS
	E26 - CAPELA DE N.S. DA CONSULÇÃO	S12 - SOLAR URBANO	S24 - CASA DAS LAMEIRAS	4 - PONTE SOBRE O RIO SELHO

ANEXO IV
 planta - evolução da cidade/quarteirão



(Fonte: CMG, 2002. VOLUME I)

- | | | | |
|--|--|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ■ EQUIPAMENTOS (CONVENTOS, IGREJAS, ETC.) ■ MALHA HABITACIONAL ■ TORRES E SOLARES ■ INDUSTRIAS DE CURTUMES ■ VEREDAS, RUAS, LARGOS E PRAÇAS ■ LINHAS DE ÁGUA ■ ÁREAS AGRICOLAS ■ LOGRADOUROS DA MALHA HABITACIONAL ■ ÁREAS AJARDINADAS DOS EQUIPAMENTOS ■ JARDINS DOS SOLARES | <ul style="list-style-type: none"> E30 - CAPELA E HOSPITAL DA O.T. DE S. DOMINGOS E31 - CAPELA E HOSPITAL DA O.T. DE S. FRANCISCO E32 - IGREJA DE S. PEDRO E33 - MERCADO MUNICIPAL E34 - TEATRO AFONSO HENRIQUES E35 - CADEIA E36 - ASILO E37 - TEATRO E38 - TEATRO DA TQJEIRA E39 - TEATRO DE VILA POUCA E40 - CEMITÉRIO | <ul style="list-style-type: none"> S31 - CASA DOS LINDOSOS S32 - CASA DOS BRAGANÇAS DE CETE S33 - SOLAR URBANO S34 - CASA DOS LOBO MACHADO S35 - CASA DOS AMARAIS S36 - CASA DE FRANCISCO AGRA S37 - CASA DO TOURAL S38 - CASA DOS RIBEIRO DE CARVALHO S39 - CASA DOS MOREIRAS DO VALE S40 - CASA DOS SÁ OSÓRIO S41 - CASA DOS FREITAS DO AMARAL S42 - CASA DO CANTO | <ul style="list-style-type: none"> S43 - CASA DAS HORTAS S44 - CASA DO CIDADE S45 - CASA DE INDUSTRIAL DE CURTUMES S46 - CASA DE INDUSTRIAL DE CURTUMES |
|--|--|--|---|

ANEXO V
 planta - evolução da cidade/quarteirão

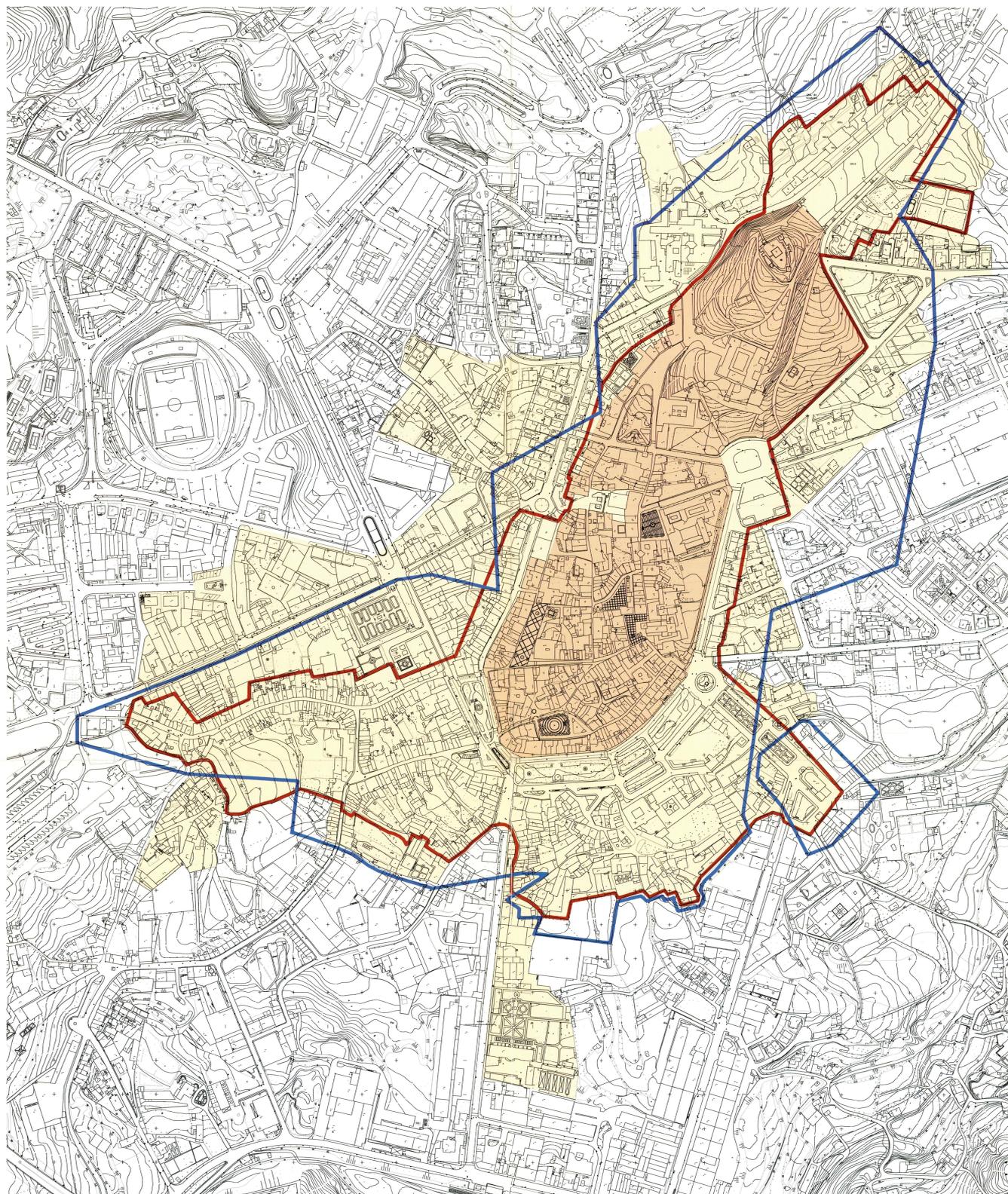


(Fonte: CMG E GTL, 1998)

- | | |
|---|--|
| Equipamentos (Conventos, Igrejas, etc.) | E 46 – Sociedade Artística Vimaranesse |
| Malha habitacional | E 49 – Cine Teatro Jordão |
| Torres escolares | E 50 – Ensino Secundário |
| Indústrias escolares | E 51 – Palácio da Justiça |

ANEXO VI

limite do centro histórico e áreas de preservação/intervenção



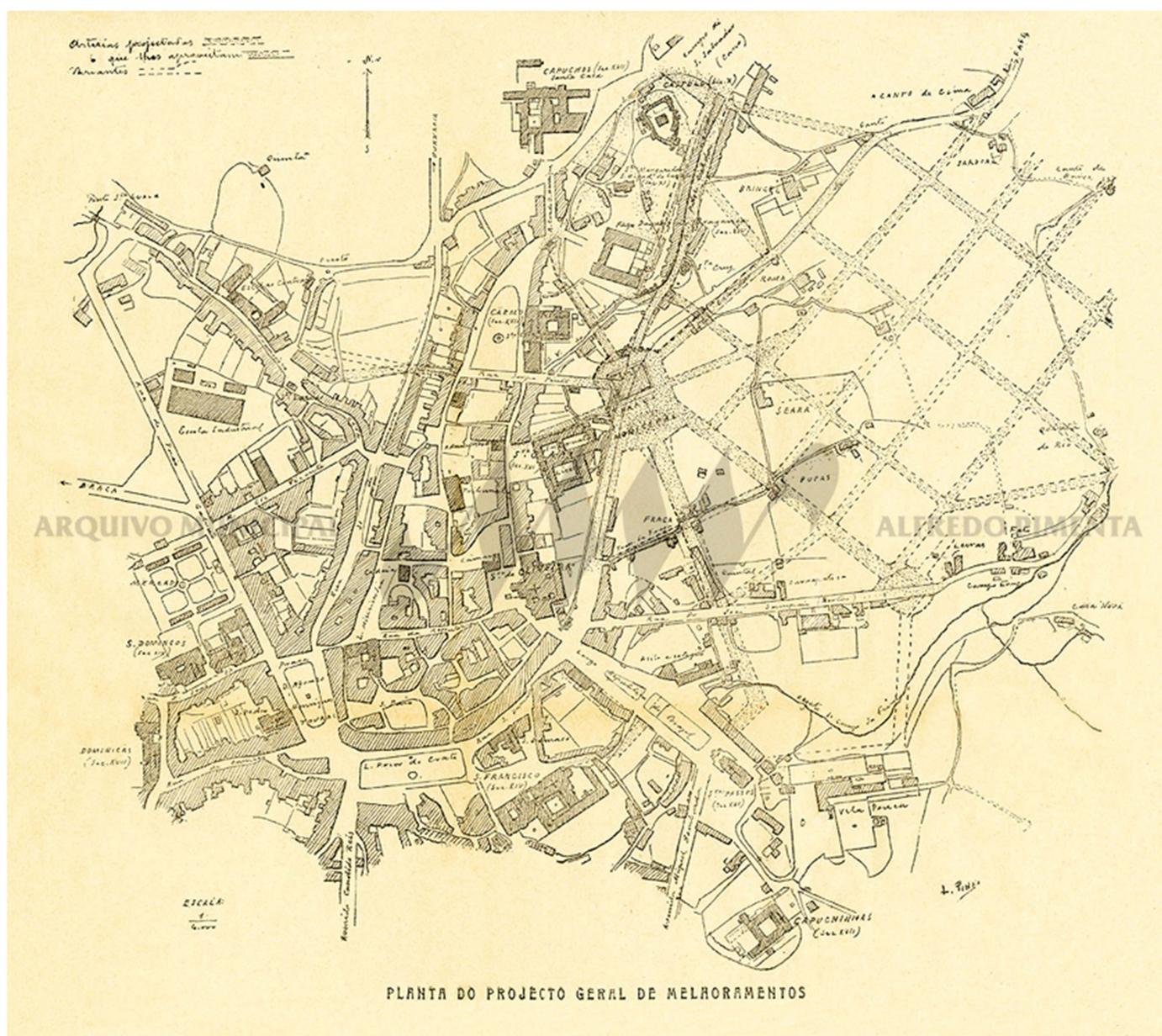
- Zona Proposta
- Zona Tampão
- Área de Intervenção do GTL
- Área de Intervenção do L.P.P.A.R.

50 100 150 m



(Fonte: CMG E GTL, 1998)

ANEXO VII
planta do plano de urbanização de Luis Pina, 1925



(Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta)

ANEXO VIII
planta parcial do Quarteirão de Santo António



ANEXO X
fotografia aérea da cidade.



(fonte: CMG, 2002:42. VOLUME II)